

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Habilidades sociais no casamento: avaliação e contribuição para a satisfação conjugal”

Miriam Bratfisch Villa

Zilda A. P. Del Prette

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2005

FICHA CATALOGRÁFICA

Villa, Miriam Bratfisch

Habilidades sociais no casamento: avaliação e contribuição para a satisfação conjugal. Ribeirão Preto, 2005.

121p.; 30 cm

Tese, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: Del Prette, Zilda Aparecida Pereira

1. Relacionamento conjugal 2. Habilidades sociais 3. satisfação conjugal

Foram seguidas as normas de publicação da American Psychological Association.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Miriam Bratfisch Villa

Habilidades sociais no casamento:

Avaliação e contribuições para a
Satisfação conjugal

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,
como parte das exigências para a obtenção
do título de Doutor em Ciências, Área:
Psicologia

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Ao Enéias, *com amor.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus,

À professora Zilda, orientadora sempre presente e ao Almir pelas dicas e sugestões,

Aos casais, líderes de grupos e instituições e demais pessoas que colaboraram de forma imprescindível para obtermos os dados deste estudo,

À professora Sônia Loureiro pela chance de iniciar o doutorado tão rapidamente,

Ao Prof. Tadeu (ESALQ) pela ajuda com a estatística,

À amiga Fabíola pela ajuda na coleta de dados e revisões no inglês,

Ao meu marido, pelo apoio, incentivo e por fazer muitas vezes a minha parte no cuidado com a Mariana,

Aos meus pais pelo apoio constante e ajudas diversas,

Aos familiares e amigos que contribuíram de tantas maneiras,

À Andrieli e a Susani,

À Mariana que me concedeu neste período, em meio a tanto trabalho, paradas estratégicas, risadas, choros, momentos inesquecíveis.

À FAPESP, pelo apoio financeiro.

Villa, M. B. (2005). *Habilidades sociais no casamento: avaliação e contribuição para a satisfação conjugal*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RESUMO

A qualidade dos relacionamentos interpessoais tem grande influência nos diversos contextos da vida de qualquer indivíduo, aqui se incluindo o contexto conjugal, fonte potencial de prazer e realização ou frustração e transtornos psicológicos. Pesquisas têm mostrado a importância de habilidades sociais específicas para a maximização da qualidade do relacionamento conjugal, como sua estabilidade e duração, sugerindo seu impacto possível também sobre a satisfação conjugal, embora não se disponha, ainda, de estudos empíricos suficientes para sustentar esta última relação. Essa lacuna está, em parte, relacionada à falta de instrumentos para a avaliação das habilidades sociais conjugais e sua possível especificidade em relação às habilidades gerais dos cônjuges. Este estudo propôs-se verificar a relação entre a satisfação conjugal dos cônjuges e habilidades sociais gerais e conjugais e, concomitantemente, aperfeiçoar um instrumento de avaliação destas últimas. Participaram 406 respondentes de ambos os sexos (a maioria casais), com nível mínimo de escolaridade de segundo grau e idades entre 20 e 73 anos, que responderam ao Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC) e à Escala de Satisfação Conjugal (ESC). Foram obtidos escores individuais para cada instrumento, procedendo-se a análises descritivas de cada um e a comparações entre eles, especialmente entre maridos e esposas, além de análise da influência de variáveis sócio-demográficas. Os resultados apontaram correlação significativa entre escores do IHS-Del-Prette, IHSC e escore da ESC, sugerindo que quanto mais elaborado o repertório de habilidades

sociais (conjugais e gerais) do respondente, maior é sua satisfação com o casamento, confirmando a hipótese inicial do estudo. Correlações entre fatores do IHSC, IHS-Del-Prette e da ESC apontaram classes de comportamentos do respondente e de seu cônjuge especificamente associadas à satisfação conjugal. O IHSC apresentou boa consistência interna (Alfa de Cronbach = 0,81) e uma estrutura de seis fatores que explicaram 45,407 da variância total obtida. São discutidas a aplicabilidade do instrumento a novos estudos e ao contexto prático de atuação do psicólogo, bem como as implicações dos resultados obtidos para novas pesquisas.

Palavras chave: relacionamento conjugal, habilidades sociais, satisfação conjugal, avaliação.

ABSTRACT

The quality of interpersonal relations has a great influence on many life contexts, including here the marital context, a potential source of pleasure and accomplishment or of frustration and psychological disorders. Researches have shown the importance of specific social skills for the maximization of the marital relation quality as well as upon its stability and duration, suggesting a possible impact also upon the marital satisfaction. Nevertheless, these relations don't have enough supportive empirical studies. This gap is partially related to the lack of instruments to access the social marital skills and to its possible specificity in relation to the spouses' global skills. This study was aimed to verify the relation between the spouses' marital satisfaction and global and marital social skills and simultaneously to improve an instrument to evaluate social skills. 406 participants from both sexes (most couples, with high school educational level, age between 20 and 73 years) completed the Social Skills Inventory (SSI-Del-Prette), the Marital Social Skills Inventory (MSSI) and the Marital Satisfaction Scale (MSS). It was computed individual scores for each instrument, then proceeding to descriptive and statistical analyses, especially comparing husbands and wives and social-demographic variables influence. The results showed a significant correlation between the SSI-Del-Prette, MSSI and MSS scores, suggesting that the more elaborated was the respondent's social skills repertoire (marital and global), greater was his/her marital satisfaction, confirming the initial hypothesis. Correlations between the SSI, MSSI and MSS factorial scores showed which respondents social skills classes was specifically associated to the marital satisfaction. The MSSI presented a good internal consistency (Alpha of Cronbach = 0,81) and a six factors structure that explained 45,407 of the obtained total variance. It has been discussed the instrument applicability to new studies and

to practical context of psychologist professional work as well as these results' implications to further researches.

Keywords: marital relation, marital satisfaction, social skills, evaluate.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Classes gerais e habilidades avaliadas na versão inicial do IHSC	36
Tabela 2. Características sócio-demográficas da amostra	42
Tabela 3. Correlações entre escores total e fatoriais dos instrumentos IHSC e ESC para a amostra geral (homens e mulheres)	54
Tabela 4. Correlação entre os itens do IHSC e o escore da ESC (<i>Spearman's rho</i>)	56
Tabela 5. Correlação de Spearman e coeficiente de correlação (Pearson) entre os escores dos instrumentos IHSC e a ESC, para mulheres e homens	57
Tabela 6. Correlações entre escores total e fatoriais do IHSC das esposas (M) e escores total e fatoriais do ESC dos maridos (H)	58
Tabela 7. Correlações entre escores total e fatoriais do IHSC dos maridos (H) e escores total e fatoriais do ESC das esposas (M)	60
Tabela 8. Correlações entre escores total e fatoriais dos instrumentos IHS-Del-Prette e ESC para a amostra geral (homens e mulheres)	62
Tabela 9. Correlação de Spearman e coeficiente de correlação (Pearson) entre os escores dos instrumentos IHS-Del-Prette e a ESC, para homens e mulheres	63
Tabela 10. Correlações entre escores total e fatoriais do IHS-Del-Prette dos maridos (H) e escores total e fatoriais do ESC das esposas (M)	64
Tabela 11. Correlações entre escores total e fatoriais do IHS-Del-Prette das esposas (M) e escores total e fatoriais do ESC dos maridos (H)	65
Tabela 12. Correlações entre escores total e fatoriais dos instrumentos IHSC e IHS-Del-Prette para a amostra geral (homens e mulheres)	66
Tabela 13. Correlação de Spearman e coeficiente de correlação (Pearson) entre os escores dos instrumentos IHS-Del-Prette e IHSC para homens e mulheres	68
Tabela 14. Correlação (<i>Spearman's rho</i>) entre satisfação conjugal e variáveis sócio-demográficas da amostra	69
Tabela 15. Diferenças nos grupos de variáveis quanto ao escore da ESC	69
Tabela 16. Matriz das cargas fatoriais da Análise dos Componentes Principais com nove fatores (F), com rotação <i>Varimax</i> , autovalores associados a cada fator, variância explicada pelo fator, porcentagem da variância total, número de itens com cargas significativas, coeficientes alfa e valor das comunalidades (h^2)	72

Tabela 17. Síntese das análises Fatorial e PC para o IHSC com descrição dos critérios adotados, rotações e principais resultados	76
Tabela 18. Matriz das cargas fatoriais da Análise dos Componentes Principais com seis fatores (F), com rotação <i>Varimax</i> , autovalores associados a cada fator, variância explicada pelo fator, porcentagem da variância total, número de itens com cargas significativas, coeficientes alfa e valor das comunalidades (h^2)	77
Tabela 19. Descrição dos itens que compõe cada fator do IHSC	82
Tabela 20. Distribuição de frequência dos 400 respondentes aos itens do IHSC de acordo com grupos de maior (A), médio (B) e menor (C) escore	83
Tabela 21. Índice de discriminação e coeficiente de correlação de Pearson entre os itens e o escore total no IHSC	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição amostral dos escores no IHS-Del-Prette	50
Figura 2. Distribuição amostral dos escores no IHSC	51
Figura 3. Distribuição amostral dos escores na ESC	52
Figura 4. Distribuição <i>scree</i> para os autovalores da matriz fatorial dos escores do IHSC com nove fatores	74
Figura 5. Distribuição <i>scree</i> para os autovalores da matriz fatorial dos escores do IHSC com seis fatores	79

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1.

Tabela A. Itens do antigo IHSC e classes de habilidades avaliadas

APÊNDICE 2.

Tabela B. Correlação entre itens do IHSC que avaliam habilidades correspondentes

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1.

Escala de Satisfação Conjugal (ESC)

ANEXO 2.

IHS-Del-Prette

ANEXO 3.

Inventário de Habilidades sociais Conjugais (IHSC)

ANEXO 4.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

SUMÁRIO

RESUMO	VI
ABSTRACT	VIII
LISTA DE TABELAS	X
LISTA DE FIGURAS	XII
LISTA DE APÊNDICES	XIII
LISTA DE ANEXOS	XIII
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. REFERENCIAL CONCEITUAL DO ESTUDO	1
1.1.1. CONCEITOS DA ÁREA DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS	1
1.1.2. HABILIDADES SOCIAIS E RELACIONAMENTO CONJUGAL	10
1.1.3. SATISFAÇÃO CONJUGAL E HABILIDADES SOCIAIS	15
1.2. QUESTÕES METODOLÓGICAS	19
1.2.1. O DESAFIO METODOLÓGICO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	19
1.2.2. VANTAGENS E LIMITAÇÕES DOS TESTES DE AUTO-RELATO (INVENTÁRIOS)	27
1.2.3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS	29
1.2.4. A ELABORAÇÃO INICIAL DO INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS	32
1.2.5. PROCEDIMENTOS DE REFORMULAÇÃO DO INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS	34
1.3. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	39
2. MÉTODO	40
2.1. AMOSTRA	40
2.2. INSTRUMENTOS	43

2.3. PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	45
2.4. TRATAMENTO DOS DADOS	46
2.5. ASPECTOS ÉTICOS	48
3. RESULTADOS	50
3.1. ANÁLISES DESCRITIVAS DOS INSTRUMENTOS IHS-DEL-PRETTE, IHSC E ESC	50
3.2. ANÁLISES COMPARATIVAS	52
3.2.1. ANÁLISES DE CORRELAÇÃO ENTRE O INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS E A ESCALA DE SATISFAÇÃO CONJUGAL	54
3.2.2. ANÁLISES DE CORRELAÇÃO ENTRE O IHS-DEL-PRETTE E A ESCALA DE SATISFAÇÃO CONJUGAL	61
3.2.3. ANÁLISES DE CORRELAÇÃO ENTRE O INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS E O IHS-DEL-PRETTE	66
3.2.4. ESCALA DE SATISFAÇÃO CONJUGAL E CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS	68
3.2.5. ESTUDOS PSICOMÉTRICOS DO INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS CONJUGAIS	70
4. DISCUSSÃO	86
5. CONCLUSÃO	98
6. REFERÊNCIAS	102

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista o foco central deste estudo - habilidades sociais e satisfação conjugal e a relação empírica entre estes constructos - apresenta-se inicialmente o referencial conceitual do estudo, as habilidades sociais e outros aspectos do relacionamento conjugal, com ênfase na satisfação conjugal, culminando nas possibilidades de relações entre estas duas grandes áreas.

A segunda parte trata dos aspectos metodológicos da avaliação psicológica e, especificamente, da avaliação em Habilidades Sociais no contexto conjugal, seus métodos, possibilidades e a proposta deste estudo, ou seja, o desenvolvimento de um Inventário de Habilidades Sociais Conjugais.

1.1. Referencial conceitual do estudo

A área do Treinamento em Habilidades Sociais (THS) será abordada, nesta seção, com breve referência à sua origem e evolução, definições históricas e atuais dos principais conceitos na área, além de especificidades ligadas a componentes situacionais, no caso, ao contexto conjugal. O relacionamento entre cônjuges será abordado em termos de sua importância para o bem-estar geral dos indivíduos, bem como da investigação de fatores relacionados à satisfação com o mesmo.

1.1.1. Conceitos da área do THS

O relacionamento interpessoal e as habilidades sociais têm sido abordados sob vários enfoques. Um dos principais campos de investigação e aplicação do conhecimento, voltados para esta temática, é o do Treinamento de Habilidades Sociais, ou THS (Argyle, 1967/1994; Del Prette & Del Prette, 1996; Hidalgo & Abarca, 1992), historicamente com origens no denominado

Treinamento Assertivo (Lange & Jakubowski, 1976). Phillips (1985), num apanhado histórico sobre as habilidades sociais, remonta há 150 anos a primeira noção de *feedback* (um dos conceitos chave da abordagem das Habilidades Sociais, embora também presente em outras áreas) e detalha a evolução da área ao longo de décadas de trabalho de vários cientistas. Segundo Caballo (1996), esse campo teve maior difusão e desenvolvimento nas décadas de 60 e 70, incorporando, nos anos 80, resultados de pesquisa de outras áreas da Psicologia, principalmente elementos de orientação cognitiva.

Considerando que as habilidades sociais conjugais fazem parte dessa área de produção e aplicação de conhecimento psicológico, denominada Treinamento de Habilidades Sociais, vale destacar que os pesquisadores do campo teórico-prático das habilidades sociais têm concentrado seus esforços em três vertentes principais: (1) explicação da origem e desenvolvimento do comportamento socialmente competente; (2) proposição de técnicas para desenvolvimento de habilidades sociais (THS); e (3) avaliação do repertório de habilidades sociais e da competência social.

Alguns conceitos-chave deste campo são definidos de forma bastante específica por A. Del Prette e Z. A. P. Del Prette (2001), evitando confusões geralmente presentes na literatura da área. Assim, segundo esses autores, os termos desempenho social, habilidades sociais e competência social são diferenciados e definidos como:

“O desempenho social refere-se à emissão de um comportamento ou seqüência de comportamentos emitidos em uma situação social qualquer. Já o termo habilidades sociais refere-se à existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do

indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais. A competência social tem sentido avaliativo que remete aos efeitos do desempenho social nas situações vividas pelo indivíduo [...] qualificando portanto a proficiência de um desempenho e referindo-se à capacidade do indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e ações em função de seus objetivos e valores articulando-os às demandas imediatas e mediatas do ambiente” (Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P., 2001, p. 31).

A compreensão destes conceitos é de extrema importância para que sejam utilizados corretamente. Neste estudo, focaliza-se, de maneira mais direta, o conceito de habilidades sociais, ou seja, o repertório comportamental do indivíduo, que possibilita e aumenta a probabilidade do mesmo ser competente em determinada situação e que pode ser avaliado por meio de diferentes tipos de instrumentos e procedimentos, sendo mais comuns, no caso de pesquisas em larga escala, os inventários de auto-relato. Não é o caso de eleger uma ou outra definição como a mais correta; trata-se de adotar o constructo exato que está sendo efetivamente avaliado como uma das dimensões pertinentes ao relacionamento social. O estudo investigativo de cada uma dessas dimensões exige metodologia diferenciada: quando se trata de componentes comportamentais, o foco é sobre o desempenho de habilidades sociais; quando se avalia a funcionalidade desse desempenho (conseqüências no ambiente e para o próprio indivíduo), se possível com avaliação da coerência entre componentes comportamentais, afetivos e cognitivos desse desempenho, está se acessando a dimensão da competência social.

As habilidades sociais são aprendidas e/ou aperfeiçoadas na interação do indivíduo com seu ambiente. Embora as bases de algumas habilidades sejam inatas (por exemplo, a tendência a comportamentos pró-sociais), o repertório de habilidades sociais começa a ser desenvolvido na infância por meio de diferentes processos de aprendizagem (modelo de pessoas próximas, modelagem social e esquemas de reforçamento) no exercício crescente de novos papéis e assimilação de normas culturais (Del Prette & Del Prette, 1999; Hidalgo & Abarca, 1992). Essas habilidades podem ser aperfeiçoadas ou deterioradas, na história de vida das pessoas, dependendo das contingências a que são submetidas (Skinner, 1989). Portanto, os comportamentos sociais emitidos por um adulto refletem contingências passadas e atuais (quer sejam de reforçamento positivo ou de reforçamento negativo, com ou sem o envolvimento de regras) e podem também ser recuperados por meio de programas especiais de treinamento ou terapia.

As diversas situações e demandas sociais envolvem uma gama de habilidades, algumas mais gerais e outras bastante específicas e complexas. Como forma de identificar estes comportamentos e facilitar o planejamento de programas de Treinamento de Habilidades Sociais, A. Del Prette, e Z. A. P. Del Prette, (2001) sugerem uma organização de classes e subclasses de habilidades sociais, propondo sete conjuntos (classes mais gerais) de habilidades sociais relevantes para a avaliação e intervenção com adultos: de automonitoria; de comunicação; de civilidade; assertivas, direito e cidadania; empáticas; de trabalho; de expressão de sentimento positivo. Cada uma destas classes de comportamento é composta de várias subclasses.

O repertório de habilidades sociais de um indivíduo (e sua competência social) irá determinar grande parte da qualidade de suas relações interpessoais,

destacando-se, neste estudo, as relações no contexto do casamento. Algumas das classes de habilidades sociais anteriormente referidas, são particularmente críticas para a qualidade do relacionamento conjugal. Considerando-se a classificação proposta por Del Prette, A. e Del Prette, Z. A. P. (2001), pode-se efetuar uma análise mais detalhada do papel potencial, nas relações conjugais, das seguintes habilidades: assertivas, empáticas, de expressão de sentimento positivo, de automonitoria, de civilidade e de comunicação, mais detalhadamente tratadas a seguir.

A assertividade, por alguns autores considerada como um conceito equivalente ao de competência social (p.e. Caballo, 1993), é por outros entendida como uma das principais classes do conjunto das habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 1999; Hidalgo & Abarca, 1992; Alberti & Emmons, 1978). Del Prette e Del Prette (2003) fazem uma revisão na literatura do Treinamento Assertivo apresentando o histórico e a evolução do conceito de assertividade. Segundo esses autores, o Treinamento Assertivo começou a ser difundido nos anos 50 e teve maior destaque nos anos 70, com base em estudiosos como Wolpe (1976), Lazarus (1968), Alberti e Emmons (1978). O conceito de assertividade foi definido como a afirmação direta dos direitos individuais e a expressão de sentimentos e crenças, de modo claro, com controle da ansiedade e de forma a não violar os direitos do outro (Wolpe, 1976; Wolpe & Lazarus, 1966). A literatura em geral coloca o termo assertividade em oposição à não-assertividade (referindo-se a ausência de comportamentos de expressão e defesa de direitos) e à agressividade (comportamentos que tendem a violar os direitos do outro). Desta forma, Alberti e Emmons (1978) e Lange e Jakubowski, (1976) já conceituavam, discutiam e exemplificavam o comportamento assertivo em oposição ao não assertivo e ao agressivo. Para estes autores, a reação

assertiva caracteriza-se por geralmente atingir os objetivos, aumentar a auto-apreciação de seu emissor e expressar honestidade. Já a reação não-assertiva evidencia uma negação e inibição dos sentimentos do emissor, podendo se associar à ansiedade e a uma baixa auto-estima, além de ter pouca probabilidade de atingir os objetivos da relação interpessoal. A reação agressiva, por sua vez, na maioria das vezes consegue atingir os objetivos, mas à custa de infringir o direito do outro ou desrespeitá-lo. O emissor, mesmo que se perceba como expressivo, compromete o relacionamento, pois magoa a pessoa com quem interagiu.

Os conceitos de assertividade, até aqui apresentados, têm sido questionados por alguns autores que sugerem uma definição menos estrita e uma maior variabilidade de tipos de comportamentos considerados assertivos. Hargie (apud Del Prette & Del Prette, 2003) propõe o fim da dicotomia entre assertivo/agressivo, passivo/assertivo, substituindo-a por um contínuo em que a agressividade e a passividade se situariam nos extremos, com a assertividade no ponto intermediário.

Aperfeiçoando ainda mais essa concepção de um contínuo, Del Prette e Del Prette (2003) propõem levar em conta o caráter situacional, mais especificamente considerando a subcultura na qual o comportamento ocorre. Desta forma, o contínuo passividade-assertividade-agressividade teria um caráter flexível, entendendo como variável a distância passividade-assertividade e assertividade-agressividade, de acordo com o caráter situacional e a subcultura na qual o comportamento está ocorrendo. Mesmo levando em conta esse contínuo, principalmente em termos de características da topografia do comportamento, é possível identificar as habilidades mais específicas que fazem parte dessa classe.

Considerando a tendência clássica da literatura (revisada por Del Prette & Del Prette, 2001), de classificar como assertivas as habilidades que envolvem enfrentamento de situações onde há risco potencial de reação indesejável do interlocutor, as principais habilidades que compõem a classe das assertivas seriam: manifestar opinião, concordar, discordar; fazer e recusar pedidos; desculpar-se, admitindo falhas; expressar desagrado, pedir mudança de comportamento do outro e lidar com críticas (fazer, aceitar, recusar). É fácil pensar que essas habilidades devem fazer parte de interações conjugais onde os dois cônjuges expressam abertamente seus pensamentos, sentimentos e opiniões, bem como os possíveis efeitos negativos, sobre a qualidade e sinceridade dessa relação, quando tais comportamentos são inviabilizados por algum motivo.

As **habilidades empáticas**, uma classe especialmente importante no contexto conjugal, são definidas como “a capacidade de compreender e sentir o que alguém pensa e sente em uma situação de demanda afetiva, comunicando-lhe adequadamente tal compreensão e sentimento” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 86). A empatia envolve três componentes: o cognitivo (interpretar e compreender os sentimentos do outro); o afetivo (experenciar a emoção do outro); e o comportamental (expressar compreensão e sentimentos relacionados à demanda do outro). Entre os componentes desta classe, podem ser particularmente relevantes para o contexto conjugal as habilidades de expressar compreensão, oferecer apoio, validar e refletir os sentimentos do outro. Thomas e Fletcher (1997) apontam a acuracidade empática como, via de regra, importante para as relações íntimas, estando associada a uma maior estabilidade e satisfação na relação. Christensen et al. (2004), apontam o engajamento dos cônjuges em comportamentos empáticos como parte integrante da proposta da Terapia de Casais Integrativa.

A **automonitoria** é outra classe de comportamentos a ser considerada. Na definição de Del Prette e Del Prette (2001), "considerando as interações com o ambiente social, podemos conceber o automonitoramento como uma habilidade metacognitiva e afetivo-comportamental pela qual a pessoa observa, descreve, interpreta e regula seus pensamentos, sentimentos e comportamentos em situações sociais" (p. 62). Os autores não citam subclasses nesta categoria de habilidades sociais, pois ela já traz implícitos comportamentos requeridos para o seu desempenho. Gottman e Rushe (1995), em sua proposta de uma Terapia Conjugal Mínima, destacam o papel da identificação de alteração de estados fisiológicos (em si e no outro) como habilidade (de automonitoria) a ser trabalhada pelos casais. Além disso, a construção de relações mutuamente satisfatórias certamente implica em sensibilidade de cada um dos cônjuges para observar e regular o efeito dos próprios comportamentos sobre o outro, o que constitui a base da automonitoria nesse contexto.

A classe de habilidades para **expressão de sentimento positivo** caracteriza-se pelo seu caráter positivo que denota saúde e equilíbrio emocional nas relações interpessoais, além de satisfação com os comportamentos apresentados pelo outro. O desempenho desta habilidade depende menos de componentes verbais e mais dos não verbais como gestos, expressão facial, toques. Uma das subclasses apontada por Del Prette e Del Prette (2001^a), a ser aqui destacada é a de cultivar o amor, o que também pode ser feito por meio de expressão verbal e gestual de sentimentos de carinho. A expressividade de sentimentos positivos, de forma geral, tem sido identificada por vários autores (Langis, Sabourin, Lussier & Mathieu, 1994; Rangé & Dattilio, 1995; Snyder, Cozzi, & Luebbert, 2001) como habilidade crucial para consolidar o caráter afetivo do relacionamento conjugal.

As habilidades sociais de **civilidade** compõem uma classe de comportamentos relacionados ao que o senso comum denomina “boa educação”. São desempenhos simples, padronizados segundo o contexto em que ocorrem, envolvendo habilidades (dizer *por favor*, agradecer, pedir licença entre outras) que são requeridas em encontros breves, situações de pouca intimidade ou envolvimento emocional (Del Prette & Del Prette, 2001). No entanto, as relações de intimidade, características do relacionamento conjugal também demandam tais comportamentos, à medida que denotam cortesia, gentileza e delicadeza no tratamento com o outro, podendo ser consideradas complementares às habilidades de expressão emocional positiva.

Há ainda um conjunto de habilidades sociais definidas por Del Prette e Del Prette (2001) como habilidades de **comunicação**. Diversos autores (Gottman & Rush, 1995; Rangé & Dattilio, 1995; Zimerman, 2000; Snyder, Cozzi & Luebbert, 2001) têm apontando a importância da comunicação no relacionamento conjugal: Zimerman (2000) aponta os mal-entendidos na comunicação como um dos motivos mais manifestos para a procura de tratamento; Snyder, Cozzi e Luebbert (2001) relatam que um ponto forte a ser trabalhado na terapia conjugal é a comunicação do casal; Rangé e Dattilio (1995) analisam três enfoques de terapia de casal dos quais dois enfatizam o treinamento em comunicação e o terceiro o ensino de habilidades expressivas como propostas de tratamento; Gottman e Rush (1995) incluem o treinamento em comunicação na proposta da Terapia Conjugal Mínima. Do conjunto de classes de comportamentos definidos como comunicação, por Del Prette e Del Prette (2001), podem ser destacadas, como particularmente relevantes no contexto conjugal: fazer e responder perguntas, elogiar, manter e encerrar conversação, ouvir atentamente e de forma não

defensiva (esperar o outro terminar o que tem a dizer para depois manifestar opinião).

1.1.2. Habilidades sociais e relacionamento conjugal

Entre os vários contextos de interações sociais que os indivíduos vivenciam, o do relacionamento conjugal (na união legal ou consensual) é de extrema importância, à medida que seu sucesso ou fracasso é determinante para a qualidade de vida dos envolvidos. Além disso, as relações com outros membros da família (principalmente com os filhos) são influenciadas pela qualidade do relacionamento entre os cônjuges (Feldman & Wentzel, 1990).

Segundo Silliman, Stanley, Coffin, Markman e Jordan (2002), os laços conjugais criam nichos sociais e de desenvolvimento importantes, promovendo consequências emocionais de grande impacto para o bem-estar dos adultos, crianças e comunidade.

O fato de "ter um bom casamento" produz status e aceitação social, bem como ganhos afetivos e emocionais. Além das ciências, outros tipos de conhecimento como a religião, as crenças populares e o senso comum buscam e indicam formas de obter um relacionamento amoroso satisfatório. Diversos campos de conhecimento científico (tanto na área psicológica como áreas médicas, sociais e outras) têm focalizado estas questões, abordando temas como relacionamento conjugal, família, amor, sexo e outros relacionados. Porém, apesar do grande número de informação nesta área do conhecimento, há ainda lacunas a serem preenchidas. Os relacionamentos sociais, em qualquer contexto e instituição social, não são estáticos; ao contrário, passam por mudanças que exigem novos posicionamentos e novas formas de comportar-se.

Este é também o caso do casamento, que passa por crises ao longo da vida do casal e por mudanças sociais ao longo da história, com a necessidade

de reformulação dos papéis de esposa, marido, pai e mãe, à medida que a sociedade muda, criando novas demandas de atuação dos indivíduos. Jablonski (1991-1998) aponta algumas questões sociais e culturais que parecem estar na base das crises mais comuns do casamento contemporâneo: mudanças na vivência religiosa dos indivíduos, modernização e urbanização, aumento da longevidade, emancipação feminina, entre outros aspectos. Estes fatores, certamente irão influenciar o relacionamento do casal, embora possam ser considerados externos ao relacionamento, propriamente dito.

Ao longo da história, a investigação e tratamento das dificuldades conjugais foram realizados sob diferentes prismas. Monteiro (2001), numa análise sobre a evolução da conjugalidade, sugere que, até certo período, o estudo das interações familiares era focado nas motivações individuais inconscientes, passando, a partir da década de 50, a se pautar pelo campo das interações sociais. Snyder, Cozzi e Mangrum (2002) criticam as abordagens psicodinâmicas, anteriores aos modelos atuais de terapia conjugal e familiar, por enfatizarem a psicopatologia individual em detrimento dos processos diádicos e familiares. Esses autores criticam, também, as abordagens sistemáticas subseqüentes que, inicialmente, enfatizavam influências sociais mais amplas deixando de lado os fatores individuais.

Há a necessidade, portanto, de analisar as questões interpessoais, subjacentes ao relacionamento do casal e ao comportamento de cada cônjuge, que são objeto de estudo e intervenção da Psicologia.

As classes e subclasses de habilidades sociais destacadas na seção anterior (assertivas, empáticas, de automonitoria, de expressão de sentimento positivo, de civilidade e de comunicação), têm sido apontadas como importantes ingredientes dos relacionamentos conjugais. Muitos estudos têm sido

feitos a respeito da ocorrência destes e de outros comportamentos interpessoais no casamento, ressaltando a sua importância para um relacionamento conjugal satisfatório (Bratfish, 1997; Sanders, Halford & Behrens, 1999; Starkey, 1991; Rangé & Dattilio, 1995; Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. , 2001; Gottman & Rushe, 1995; Schaper, 2000; Flora & Segrin, 1999).

Pesquisando os efeitos de um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais (THS) para casais não-disfuncionais (*i.e.*, que não estavam em terapia, nem com sérios problemas de relacionamento ou em vias de separar-se), Bratfish (1997) verificou que os participantes relataram ganhos no relacionamento conjugal e que esses ganhos estavam associados à aquisição e aumento de frequência no desempenho de várias habilidades tais como: expressão de sentimentos positivos, manejo de críticas, resolução de problemas, valorização recíproca pelos cônjuges, lidar com direitos e deveres, qualidade da comunicação, expressão de confiança mútua, utilização de feedback e assertividade. Pesquisas realizadas por Sanders, Halford e Behrens (1999) apontaram, também, a importância do repertório de habilidades sociais previamente ao casamento, no sentido dos pares se comunicarem de forma efetiva, preparando-se para o casamento, falando de seus objetivos de vida, sonhos e expectativas. Os autores estabeleceram uma relação entre história de divórcio e falhas de comunicação antes do casamento.

Em muitos casos de separação e/ou busca de auxílio terapêutico, tem-se constatado¹ que há dificuldades de um ou ambos os cônjuges no que diz respeito às habilidades interpessoais. Estas pessoas, por algum motivo, não desenvolveram um repertório de habilidades necessárias para se comunicarem,

¹ Dados de observação e experiência clínica da autora.

expressarem sentimentos, opiniões e desejos, ouvirem o outro, criando um ambiente aversivo para ambos, com escassez de reforçadores positivos.

Por outro lado, observa-se que cônjuges extremamente competentes socialmente, que conseguem reforçar-se mutuamente, expressar seus sentimentos, desejos e opiniões, estabelecem um ambiente saudável de convivência, possibilitando o desenvolvimento pessoal de ambos e a educação de seus filhos para serem também emocionalmente saudáveis e socialmente competentes.

Os aspectos reforçadores dos relacionamentos conjugais, ou seja, mais conseqüências recompensadoras que negativas e reciprocidade do casal na emissão de reforçadores, possibilitam a manutenção do relacionamento, maximizando sua qualidade. Analisando a importância do repertório de habilidades sociais em uma situação específica em que a esposa passou a trabalhar fora de casa, Starkey (1991) encontrou que a competência social do marido foi um fator fundamental para que o relacionamento conjugal não se desmoronasse quando ela passava a obter rendimentos com seu trabalho.

Muitas pessoas encontram dificuldade em manter a qualidade dos relacionamentos e acabam buscando ajuda terapêutica. Rangé e Dattilio (1995) analisaram três enfoques da terapia de casal: o comportamental (Bandura, Jacobson), o cognitivo (Beck, Dattilio) e o integrativo dos aspectos comportamental, cognitivo e afetivo (Guerney). Apesar de algumas diferenças apontadas, os três modelos defendem a necessidade de instrumentalizar os membros do casal em termos de habilidades interpessoais, especialmente as de comunicação e resolução de problemas, consideradas cruciais para o bom relacionamento. O enfoque comportamental de Jacobson ressalta a importância do repertório de habilidades de comunicação no relacionamento

conjugal, sugerindo treinamento específico, sempre que sejam constatados déficits nestas e em outras habilidades (comportamentais e cognitivas) importantes. A. Del Prette, e Z. A. P. Del Prette (2001) também discorrem sobre a importância do desempenho social, por parte dos cônjuges, para lidar com as demandas do relacionamento familiar, defendendo que a qualidade deste desempenho poderá ser fonte de satisfação ou conflitos no relacionamento do casal.

Em uma revisão da história da Terapia Conjugal, Gottman e Rushe (1995) discutem os resultados das várias propostas terapêuticas relatadas na literatura, concluindo que nenhuma abordagem conseguiu mostrar superioridade sobre as outras. Analisando mais detalhadamente os ingredientes comuns das terapias bem sucedidas, esses autores propõem o que denominaram de Terapia Conjugal Mínima (TCM), incluindo vários componentes que remetem, direta ou indiretamente, à competência social dos cônjuges. Especificamente, destacam as seguintes habilidades que, independentemente de diferenças teóricas, deveriam ser objeto de atenção em uma TCM: (a) acalmar-se e identificar alteração dos estados fisiológicos do cônjuge²; (b) ouvir o cônjuge de forma não defensiva; (c) validar a fala do cônjuge, referindo-se ao ouvir "ativo", um componente da compreensão empática; (d) substituir esquemas disfuncionais de interação do casal de modo a romper o ciclo *queixa-crítica-comportamento defensivo-desdém ou de desprezo-afastamento*; (e) ter sensibilidade aos estilos de persuasão do parceiro para, em meio a uma discussão, evitar que ela continue e se agrave (modelo cascata).

² Os autores chamam de estados de DPA (*diffuse physiological arousal*).

1.1.3. Satisfação conjugal e Habilidades Sociais

São várias as definições de satisfação conjugal encontradas na literatura e não há um consenso entre elas (Spanier, 1976 apud Farias, 1994). Ainda que defendendo a satisfação conjugal como um fator fundamental na vida de um casal, Perlin (2001) se refere a esta falta de consenso, na terminologia e nas definições, como uma polêmica que ainda está longe de ser resolvida.

Farias (1994) define satisfação conjugal e felicidade conjugal como referentes aos sentimentos e comportamentos positivos de cada indivíduo em relação ao parceiro e à sua experiência compartilhada.

Segundo Norgren (2002), o conceito de satisfação conjugal é subjetivo, já que "satisfação implica ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder ao que o outro espera, definindo o dar e receber de forma espontânea [...], relaciona-se com bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança, fatores que propiciam intimidade no relacionamento, e, ainda, interferem no nível de expectativa de cada um dos parceiros para com a relação" (Norgren, 2002, p. 60-61).

Neste estudo, satisfação conjugal está sendo entendida como um conceito relativo a um conjunto de variáveis envolvendo: (a) interação com o cônjuge; (b) aspectos emocionais do parceiro; e (c) aspectos práticos do casamento (estruturais).

Além da inexistência de um consenso na conceituação do termo satisfação conjugal, há também divergências e diversidade nos estudos com relação a aspectos envolvidos na determinação da satisfação conjugal. Sabe-se que muitos fatores influenciam na satisfação conjugal, porém não há uma sistematização destes em torno de uma determinação.

Spanier e Lewis (1980, apud Dela Coleta 1989) apontam que “um dos mais significativos desenvolvimentos na pesquisa conjugal dos anos 70 foi o reconhecimento de que a qualidade [do relacionamento conjugal] envolve um fenômeno multidimensional”. Neste caso, qualidade e satisfação são entendidas como tendo o mesmo significado.

Dos estudos disponíveis que consideram fatores e dimensões da interação social potencialmente relacionados à satisfação conjugal, somente um deles faz referência explícita ao termo habilidades sociais (Flora & Segrin, 1999); os demais se referem ao “estilo interpessoal” e a pelo menos duas habilidades que, segundo o referencial teórico da presente pesquisa, são classes de habilidades sociais - comunicação e resolução de problemas – embora os autores não façam essa vinculação.

Estudando satisfação conjugal, complementaridade e estilos interpessoais, Schaper (2000) encontrou que a satisfação conjugal das mulheres foi afetada pelo estilo interpessoal dos homens, porém a satisfação destes não foi influenciada pelo estilo interpessoal das esposas, sendo afetada por seu próprio estilo interpessoal. Outros fatores, como a existência de objetivos do casal e progressos em direção a eles, também proporcionaram níveis mais altos de satisfação conjugal.

A satisfação conjugal está, ainda, indiretamente relacionada à capacidade de resolução de problemas, aqui entendida como um componente das habilidades sociais: no estudo de Dela Coleta (1992), experiências de sucesso na resolução de problemas levaram o casal a aumentar suas expectativas de controle interno, o que estava relacionado a uma maior satisfação conjugal.

Flora e Segrin (1999), pesquisando um grupo de cônjuges e namorados, concluíram que indivíduos com repertório adequado de habilidades sociais têm

maior probabilidade de apresentarem satisfação com o relacionamento (entre o casal) do que aqueles que não o desenvolveram. Ainda, parceiras de homens que apresentam bom repertório de habilidades sociais tendem a relatar maior satisfação com o relacionamento. Apesar de esse estudo relacionar satisfação conjugal a classes de habilidades sociais, a questão da direção e intensidade da influência das habilidades sociais para a satisfação conjugal não está claramente delimitada. Além disso, parece não ter levado em conta as múltiplas dimensões que definem a natureza situacional-cultural dessas habilidades.

Referindo-se a esse caráter multidimensional das habilidades sociais, Del Prete e Del Prete (1999) enfatizam três dimensões importantes na análise de qualquer desempenho social que servem de base para caracterizá-lo como socialmente competente ou não competente: a pessoal, a situacional e a cultural. Essas três dimensões são bastante sobrepostas e imbricadas entre si, embora suas características possam ser associadas, respectivamente, ao indivíduo que está sendo objeto de avaliação em seu repertório de habilidades sociais, à situação imediata de interação em que ele se encontra e ao seu contexto histórico-cultural.

A dimensão pessoal se refere à pelo menos três aspectos do desempenho do indivíduo: (a) comportamental, que focaliza os aspectos verbais ou não verbais diretamente observáveis do desempenho e que servem de base para caracterizá-lo como socialmente aceitável; (b) cognitivo-afetivo, que focaliza as expectativas, crenças, conhecimentos prévios, estratégias e habilidades de processamento, que devem ser coerentes com o desempenho observável; (c) fisiológico, referindo-se às reações autonômicas que caracterizam a facilidade ou dificuldade (grau de ansiedade, incômodo, mal estar) do indivíduo em lidar com as diferentes demandas de interações sociais, de acordo com os critérios

estudados na literatura da área. Pode-se incluir aqui, ainda, as características sócio-demográficas, que são inerentes ao indivíduo, e que culturalmente são carregadas das expectativas que remetem à dimensão cultural (Del Prette & Del Prette, 1999; 2001).

A dimensão situacional refere-se às características dos interlocutores e da situação de interação, com seus papéis, objetivos, familiaridade etc., criando demandas para desempenhos diferenciados que se ajustem a tais características. A dimensão cultural refere-se às regras, normas e valores culturalmente estabelecidos, ou seja, aos padrões culturais que definem expectativas diferenciadas de desempenho social para os diferentes contextos de interação, em articulação com as dimensões pessoal e situacional.

Focalizando essas dimensões, o estudo de Villa (2002) mostrou que os homens apresentaram menores escores em habilidades sociais do que mulheres (dimensão pessoal) em questões especificamente relacionadas ao casamento (dimensão situacional), enquanto que nas habilidades sociais em geral, ocorreu o inverso (dimensão situacional). A discussão sobre tais resultados levou em consideração as normas e valores culturalmente estabelecidos para os papéis masculino e feminino (dimensão cultural), buscando-se, portanto, articular essas dimensões.

A medida de satisfação conjugal tem sido um indicador importante da qualidade do relacionamento conjugal, porém, como se vê, não há clareza na sua determinação e diversos fatores têm sido apontados, parte deles relacionados às habilidades conjugais. Alguns dos estudos aqui apresentados relacionaram a satisfação conjugal às habilidades sociais de modo indireto, ou seja, apontando alguns dos componentes das habilidades sociais relacionados à satisfação conjugal sem considerar o conjunto de habilidades de forma

sistemática. Em apenas um dos estudos (Flora & Segrin, 1999) foi investigada a relação entre habilidades sociais e satisfação conjugal, no entanto, não foi possível acessar a descrição dos comportamentos avaliados. Outros estudos apresentados enfatizaram a importância das habilidades sociais para o relacionamento entre os cônjuges mas não avaliaram especificamente a influências destas sobre a satisfação conjugal.

1.2. Questões metodológicas

Nesta segunda parte serão descritos aspectos da metodologia de avaliação psicológica, ou seja, teorias, modelos e métodos para avaliação psicológica de forma geral e, em especial, no campo das Habilidades Sociais. Serão abordados também conceitos relativos à psicometria e à construção de testes psicológicos. À luz destes conceitos, será analisada a proposta (parcialmente desenvolvida no projeto de mestrado) de construção de um Inventário de Habilidades Sociais Conjugais.

1.2.1. O desafio metodológico da avaliação psicológica

A elaboração e disponibilização de testes psicológicos dos mais variados são indiscutivelmente úteis à sociedade como um todo, servindo à psicologia nas suas diversas áreas (clínica, pesquisa, escolar, trabalho, organizações, desenvolvimento etc). Porém, para que possam ser utilizados com segurança pelos psicólogos e pesquisadores, estes instrumentos precisam atender às exigências da psicometria. O estudo da psicometria deixa clara a importância da atenção aos parâmetros que visam fazer dos testes psicológicos instrumentos realmente confiáveis para medir o que se propõe.

A construção de testes psicológicos envolve várias fases de elaboração, aplicação e verificação das características psicométricas até chegar a um

instrumento realmente preciso e normatizado para aplicação na população. Este processo demanda estudos avançados da teoria que fundamenta a área a ser avaliada, diversas análises estatísticas, várias aplicações, enfim, um investimento de longo prazo que deve ser considerado. Estando o instrumento concluído e as características psicométricas avaliadas satisfatoriamente, devem ser determinadas as normas para o teste e estas constantemente revisadas a fim de garantir um instrumento adequado para a população e o mais abrangente possível.

Os estudos e produtos relacionados aos diversos instrumentos e procedimentos para avaliar características psicológicas das pessoas compõem uma área da Psicologia denominada Psicometria. Segundo Da Silva (2003) este campo desenvolveu-se a partir do início do século XIX, atendendo à necessidade de discriminar indivíduos, em função de suas características, para objetivos clínicos, educacionais ou de trabalho. Este mesmo autor afirma que a testagem psicológica é um dos campos mais amplos da psicologia aplicada e uma das mais importantes contribuições da ciência psicológico/comportamental para a sociedade.

Anastasi e Urbina (2000) caracterizam testes psicológicos como uma amostra comportamental, uma medida objetiva e padronizada de uma amostra de comportamento. Referindo-se especificamente ao instrumento, enquanto condição estímulo, mais do que aos resultados, Da Silva (2003) define teste psicológico como uma “situação experimental padronizada que serve de estímulo a um dado comportamento ou construto que se pretende mensurar. Esse comportamento é avaliado mediante uma comparação estatística com comportamentos similares de outros indivíduos na mesma situação” (Da Silva, 2003, p. 149).

Na construção dos testes psicológicos é essencial a verificação e garantia de propriedades ou características desse instrumento, que são fidedignidade, validade, padronização e ausência de vieses (Alchieri & Cruz, 2004; Anastasi & Urbina, 2000, Da Silva, 2003; Pasquali, 2003). A verificação das características psicométricas dos testes tem sido tema de vários estudos no Brasil no sentido de melhorar sua qualidade (Alchieri & Cruz, 2004) e se consolida atualmente no país com a sistemática de avaliação pelo Conselho Federal de Psicologia³.

Atendendo a esta exigência, durante e após a construção dos itens, devem ser realizados vários procedimentos com a finalidade de assegurar e verificar as características de fidedignidade e validade do instrumento, aqui se incluindo a análise de itens que visa simultaneamente as duas características anteriores e que será tratado separadamente ao final desta seção (Anastasi & Urbina, 2000, Da Silva, 2003; Pasquali, 2003).

A fidedignidade ou confiabilidade de um teste “refere-se à consistência dos escores obtidos pelas mesmas pessoas quando elas são reexaminadas com o mesmo teste em diferentes ocasiões, ou com diferentes conjuntos de itens equivalentes, ou sob outras condições variáveis de exame” (Anastasi & Urbina, 2000, p.84). Há vários métodos utilizados para estimar a fidedignidade, dentre os quais pode-se destacar:

a) Teste-reteste. Consiste em repetir o teste após um tempo determinado na mesma população avaliando a persistência dos resultados. Esta seria a forma mais óbvia ou mais direta de verificar a fidedignidade dos escores de um teste (Anastasi & Urbina, 2000; Da Silva, 2003). Neste caso, o coeficiente de fidedignidade é a correlação entre os escores obtidos pelas mesmas pessoas nas duas aplicações, correlação produto-momento de Pearson (Da Silva, 2003). A

³ www.pol.org.br

fonte de variância de erro considerada no teste-reteste é a amostragem de tempo.

b) *Formas paralelas ou forma-alternada*. Consiste em aplicar duas versões equivalentes de um mesmo teste, em que ambas meçam o mesmo construto, porém com diferentes itens. O coeficiente de fidedignidade é obtido calculando-se a correlação produto-momento de Pearson entre os escores das duas formas. Este coeficiente é uma medida tanto da estabilidade temporal quanto da consistência da resposta a diferentes itens. A fonte de variância de erro considerada nas formas paralelas é a amostragem de conteúdo ou tempo e conteúdo na forma retardada.

c) *Método das metades ou split half*. Esta é uma forma de estimar a fidedignidade bastante semelhante ao das formas paralelas, porém, ao invés de ser aplicado outro teste (paralelo) um mesmo teste é dividido ao meio e suas metades são correlacionadas. A base desta verificação também é a correlação produto-momento de Pearson, que representa a correlação de metade do teste, porém, para obter a fidedignidade total do teste deve-se aplicar a fórmula Spearman-Brown. A fonte de variância de erro considerada no método das metades é a amostragem de conteúdo.

d) *Fidedignidade de Kuder-Richardson e Coeficiente Alfa*. Esta forma baseia-se na consistência das respostas a todos os itens do teste; *consistência interitem* que é influenciada por duas fontes de variância de erro: amostragem do conteúdo e heterogeneidade do domínio comportamental amostrado. Esta medida é calculada a partir da fórmula de Kuder-Richardson ou coeficiente alfa (Anastasi & Urbina, 2000).

O conceito de validade de um teste refere-se àquilo que o teste mede e se o faz bem (Anastasi & Urbina, 2000). A validade nos diz a respeito do que o

teste está medindo, ou seja, o seu significado. Desta forma, dizer que um teste apresenta boas medidas de validade é dizer que realmente tem capacidade de medir o que está se propondo a medir. É consenso na psicometria que a prova de validade das medidas na ciência psicossocial é indispensável (Anastasi & Urbina, 2000; Da Silva, 2003; Pasquali, 2003). Segundo Da Silva (2003) a validade é a característica mais importante na avaliação de um teste; é a medida de quão útil é um teste, se ele está ou não mensurando os atributos do mundo real que se propõe a mensurar. Desde o início da construção de um teste a validade deve ser objeto de preocupação, já desde a escolha dos itens (Anastasi & Urbina, 2000). Para o desenvolvimento de um teste válido são aplicados vários procedimentos durante todo processo de construção do mesmo.

Há várias formas de estimar a validade, mas é importante ressaltar que se trata de uma propriedade que é cumulativamente construída por um conjunto de evidências. A seguir descreveremos os vários tipos de validade.

a) *Validade Aparente*. A validade aparente “refere-se ao processo de aceitabilidade dos itens do teste tanto quanto pelo construtor do teste quanto pelo examinando, com relação à operação que está sendo desempenhada” (Da Silva, 2003, p. 155). Anastasi e Urbina (2000) destacam que este conceito não se refere ao conteúdo que efetivamente o teste mede e, sim, ao que ele parece medir, no sentido que causar uma boa impressão ao sujeito facilitando a seriedade em sua execução.

b) *Validade de conteúdo*. Este tipo de validade de um teste “examina a extensão em que a especificação sobre a qual ele foi construído reflete o propósito para o qual está ele sendo desenvolvido” (Da Silva, 2003, p. 155). Verifica se o teste abrange amostra representativa das habilidades e conhecimentos especificados e se o desempenho do sujeito no teste está livre de

variáveis irrelevantes (Anastasi & Urbina, 2000). Ou seja, de forma mais geral, pode-se dizer que a validade de conteúdo se refere ao quanto um conjunto de itens (o teste) é representativo de um universo definido.

c) *Validade preditiva (de critério)*. É uma estatística de validade e indica a efetividade do teste para predizer o desempenho de um sujeito em atividades especificadas por um período de tempo. A validade preditiva determina o valor prognóstico de um teste, ou seja, se aquilo que foi previsto realmente é confirmado com os resultados do teste (Da Silva, 2003).

d) *Validade concorrente*. É uma validade estatística e descreve a correlação de um novo teste com outros já existentes que medem supostamente o mesmo tipo de construto (Da Silva, 2003). Segundo Anastasi e Urbina (2000), a validade concorrente atende ao objetivo específico de medir as habilidades disponíveis no momento da testagem e não depois como no caso da validade preditiva.

e) *Validade de construto - Análise fatorial*. A Validade de construto de um teste, segundo Anastasi e Urbina (2000), pode ser verificada utilizando-se o procedimento de análise fatorial. A *Análise Fatorial* está intimamente ligada à validade de um teste (Laros, 2002; Anastasi & Urbina, 2000). Trata-se de uma técnica estatística, derivada da matemática, imprescindível para a psicometria, principalmente para validação de testes psicológicos (Pasquali, 2002); Laros (2002) esclarece que é um dos procedimentos psicométricos mais utilizados para a construção e revisão de instrumentos de avaliação psicológica. Anastasi e Urbina (2000) destacam a relevância da análise fatorial procedimentos de validação de construto, já que é um meio de identificação de traços psicológicos medidos pelo teste.

A Análise Fatorial consiste em uma série de técnicas estatísticas utilizando análises multivariadas e matrizes de intercorrelações entre as variáveis envolvidas (itens do teste). Tem como finalidade verificar a possibilidade de agrupar vários itens do teste numa única variável ou dimensão, nomeada fator, no qual as variáveis envolvidas encontram-se relacionadas (Pasquali, 2003; Tabachnick & Fidell, 2001). Em outras palavras, a Análise Fatorial serve para verificar a dimensionalidade do instrumento, ou seja, se ele mede um fator (construto) apenas ou quantos fatores ele está avaliando e quais itens compõem cada fator (Pasquali, 2002).

A "carga fatorial" de cada item varia de -1.0 a $+1.0$ e mostra a relação (expressa pela correlação ou covariância) deste com o fator, sendo que, quanto maior a carga mais relacionado está. Neste sentido, itens com cargas fatoriais altas em determinado fator (itens unidimensionais) devem constituir-lo, enquanto que itens com cargas fatoriais baixas (próximo de zero) para determinado fator são estranhos a ele e devem ser descartados (Pasquali, 2003).

A análise fatorial é feita a partir de uma matriz de correlações, ou seja, os resultados das diversas variáveis envolvidas em determinado estudo são correlacionados entre si formando esta matriz de correlações e aí entra a análise fatorial (Pasquali, 1999). Ou seja, esta técnica analisa inter-relações de dados comportamentais (Anastasi & Urbina, 2000). Segundo Laros (2002), há vários tipos de usos e técnicas de análise fatorial (confirmatórias e exploratórias) que devem ser definidos pelo pesquisador, conforme os seus objetivos, e também diversas decisões a serem tomadas pelo pesquisador em conjunto com o estatístico com relação à natureza e tamanho da amostra, adequação da distribuição das variáveis observadas, seleção das variáveis a serem submetidas à análise, inclusão de variáveis marcadoras, número e fatores a extrair, análise de

componentes principais ou comum, procedimento de rotação, interpretação dos resultados, investigação de solução hierárquica, cálculo de escores fatoriais, realização de estudo de validade cruzada, investigação da invariância da estrutura fatorial em amostras diferentes, seleção dos resultados na publicação.

A Análise Fatorial produz escores fatoriais, ou seja, estimativas dos escores dos indivíduos que compõem a amostra, medidos em termos de cada um dos fatores obtidos. Pode se dizer que os escores fatoriais correspondem a uma combinação linear das estimativas dos fatores obtidos na análise fatorial, ou seja, os escores fatoriais podem ser representados por uma regressão dos fatores sobre as variáveis padronizadas (Tabachnick & Fidell, 1996).

Além dos métodos anteriores, um procedimento importante, já durante a construção dos itens de um instrumento, para assegurar sua validade e fidedignidade é a Análise de Itens. Anastasi e Urbina (2000) apresentam duas formas de analisar os itens: quantitativa (propriedades estatísticas) e qualitativamente (quanto ao seu conteúdo e forma). A análise qualitativa compreende a consideração da validade de conteúdo e avaliação dos itens quanto à sua redação. A análise quantitativa trata da mensuração da dificuldade e dão poder de discriminação de cada item. Os itens devem ser analisados cuidadosamente pelo pesquisador, de forma a garantir, antecipadamente, um instrumento confiável. Neste sentido, Pasquali (1999) também sugere uma análise teórica dos itens a fim de assegurar a validade de um teste, ou seja, verificar se os itens realmente representam o construto a ser avaliado. Esta análise teórica constitui-se de Análise Semântica dos Itens e Análise de Juízes. A Análise Semântica tem como objetivo verificar se os itens são

compreensíveis para todo o público alvo (se são inteligíveis para extratos avançados em escolaridade e se são elegantes para uma amostra mais sofisticada). A Análise dos Juizes, também chamada de análise de conteúdo, tem como objetivo verificar se os comportamentos avaliados em cada item estão verdadeiramente representando o construto a ser avaliado.

1.2.2. Vantagens e limitações dos instrumentos de auto-relato (inventários)

Os inventários são instrumentos há muito utilizados para avaliação das habilidades sociais, especialmente os de auto-relato com adultos, desde o início do surgimento do Treinamento Assertivo. Há uma gama de inventários de habilidades sociais na literatura, enfocando tanto a avaliação da dimensão comportamental como também a cognitivo-afetiva das habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 1999).

Trower (1995) coloca as medidas de auto-relato como uma das formas de avaliação possíveis em habilidades sociais que, apesar de receber críticas por suas limitações (simplismo com relação à natureza da interação social, problemas de descontextualização e linguagem), têm evoluído no sentido de aceitação psicométrica e possibilidades de análises estatísticas das características da interação social.

Com relação a instrumentos de auto-relato, Caballo (1993) afirma que é a estratégia mais empregada para avaliação de habilidades sociais – tanto de forma geral como para atributos específicos (*i.e.*, ansiedade). Em pesquisas, permite avaliar grande quantidade de sujeitos em pouco tempo com economia de tempo e energia, explorando grande amplitude de comportamentos, muitos deles de difícil acesso público (observação). Na clínica, permite uma rápida visão das dificuldades do cliente, que posteriormente serão investigadas de outras formas. Também como medida pré e pós-treino.

“A idéia básica subjacente a estas medidas parece ser geralmente a mesma: conseguir uma amostra representativa das respostas de um sujeito a um conjunto de temas supostamente selecionados a partir de uma área comum de situações interpessoais” (Caballo, 1993, p. 123).

Tal como outros métodos de avaliação, os instrumentos de auto-relato devem ser utilizados com cautela e sempre associados a outros métodos, sob uma perspectiva multimodal que considera o caráter multidimensional das habilidades sociais.

A despeito dos ganhos decorrentes da possibilidade de avaliar competência social e habilidades sociais e do emprego do auto-relato para esta finalidade, há também dificuldades a serem consideradas.

Uma das dificuldades encontradas na avaliação das habilidades sociais, segundo Del Prette e Del Prette (1999), é a diversidade dos conceitos de competência social e habilidades sociais, decorrentes da multidimensionalidade do desempenho social e heterogeneidade de seus componentes. Além disso, os autores apontam como dificuldade a falta de consenso na definição de competência social.

Outro aspecto, inerente à avaliação de construtos psicológicos em geral, e, portanto, também o de habilidades sociais, é a falta de um critério externo para validar os resultados da avaliação. Porém, a própria Psicometria se encarrega de minimizar isto, propondo a utilização de critérios e testes de fidedignidade. Isto se dá através de várias estratégias, tais como: avaliação da sensibilidade da escala a efeitos de tratamento, análises de correlação entre escalas, avaliação do grau em que as pontuações se relacionam com um critério independente, exames das relações entre escalas e os testes tradicionais de personalidade.

1.2.3 Instrumentos e procedimentos para a avaliação de habilidades sociais conjugais

Apesar do avanço recente na produção de conhecimentos da psicometria no Brasil, ainda são escassos instrumentos validados para analisar a qualidade do relacionamento conjugal, principalmente no que se refere às habilidades sociais dos cônjuges. Investimentos nesta área são muito importantes para o campo prático da terapia conjugal e de programas educativos ou preventivos nesta área, o que lhe confere validade social.

No âmbito internacional, apesar da grande quantidade de testes disponíveis para avaliação de variáveis ligadas ao casamento e à família, também encontram-se dificuldades, visto que, entre outros problemas, há uma proliferação de medições sem atenção adequada às qualidades psicométricas (Snyder, Cozzi & Mangrum, 2002). Com isso, segundo os mesmos autores, há pouco consenso sobre os constructos relevantes à intervenção conjugal e familiar, bem como sobre técnicas para avaliá-los.

Vários autores têm destacado a importância da avaliação em habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 1999; Caballo, 1993; McDonel, 1995; Trower, 1995). Linehan (1984) afirma que uma terapia efetiva em assertividade passa obrigatoriamente pela avaliação, que deve ser realizada utilizando-se diferentes métodos.

Apesar dos vários critérios para qualificar um comportamento como socialmente competente, há atualmente um consenso pelo menos de que: (a) uma boa avaliação depende de conceitos bem definidos e, nesse sentido, a diferenciação entre habilidades sociais e competência social é importante para se caracterizar exatamente o que está sendo avaliado; (b) as habilidades sociais e a competência social são conceitos multidimensionais e, por isso, precisam ser

avaliados sob um enfoque multimodal (Del Prette & Del Prette, 2004; 2005), ou seja, por meio de diferentes instrumentos, procedimentos e informantes. Tendo em vista esta necessidade, Del Prette e Del Prette (1999) apresentam cinco conjuntos de metodologias usualmente citadas na literatura referente a técnicas de avaliação em habilidades sociais: (a) auto-relato (entrevistas, inventários); (b) observação em situação natural e estruturada; (c) testes de desempenho de papéis; (d) avaliação por outros significantes e; (e) medidas fisiológicas. Esses autores destacam que, dado o caráter multidimensional (que envolve componentes comportamentais, cognitivo-afetivos e fisiológicos) e situacional-cultural das habilidades sociais, as limitações inerentes a cada um desses instrumentos ou procedimentos recomendam entendê-los como complementares, sob a perspectiva multimodal (Del Prette & Del Prette, 2003; 2005; Del Prette, Monjas & Caballo, s.d.).

Dentre os diversos procedimentos e instrumentos de avaliação antes referidos, as medidas de auto-relato, mais especificamente aquelas obtidas por meio de inventários, são as mais extensivamente utilizadas porque apresentam diversas vantagens em sua utilização, embora também existam limitações que não podem ser ignoradas.

Um instrumento para avaliar habilidades sociais conjugais

Diante da importância da avaliação em habilidades sociais e da carência de instrumentos disponíveis em nosso meio, especialmente para o contexto específico do relacionamento conjugal, iniciou-se a construção do Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC).

Os itens do IHSC foram elaborados como de auto-relato, originalmente adaptados do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette, Del Prette & Del Prette, 2001), que aborda diferentes aspectos envolvidos no desempenho

socialmente competente e solicita que os respondentes avaliem a frequência com que se comportam da maneira descrita em cada item. Esta frequência deve ser um indicativo das características do repertório do respondente, produzindo um escore geral do repertório habilidades sociais do indivíduo.

Histórico

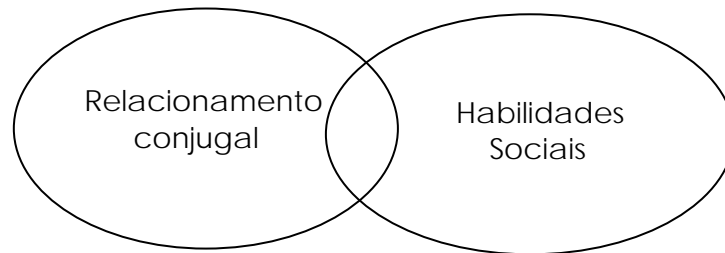
O processo de construção do instrumento de avaliação do repertório de habilidades sociais específicas ao contexto conjugal, denominado Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC), iniciou-se em 1997 com um estudo intitulado “Maximização das relações conjugais através de um Treinamento em Habilidades Sociais para casais” (Bratfisch, 1997). Naquele estudo foi realizado um Treinamento de Habilidades Sociais para casais e verificou-se a necessidade de um instrumento que avaliasse o repertório social dos cônjuges antes e após o programa de intervenção.

Antes disso, porém, destacamos o trabalho de Z. A. P. Del Prette e A. Del Prette (2001), de construção e normatização do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette), com base no qual foi elaborada a primeira versão do instrumento em questão (Inventário de Habilidades Sociais Conjugais, IHSC). O IHS-Del-Prette é um instrumento construído segundo as normas psicométricas atuais, validado, normatizado e inclusive comercializado no país, com o parecer favorável do Conselho Federal de Psicologia.

Seguindo-se ao primeiro estudo, uma pesquisa denominada “Habilidades sociais conjugais e religião” permitiu a aplicação e uma análise inicial das propriedades psicométricas do IHSC, que foi aplicado a uma população de 148 sujeitos. Com base nessas análises, o instrumento foi reformulado para uso no presente estudo, que inclui objetivos de revisão das propriedades psicométricas desta nova versão.

1.2.4. A elaboração inicial do IHSC

A construção dos itens do IHSC baseou-se na literatura e em dados empíricos. O IHSC, de certa forma, envolve duas áreas da Psicologia, sendo uma intersecção das mesmas como representa a figura seguinte:



Em sua primeira versão (Villa, 2002), a composição dos itens do IHSC foi mais diretamente baseada nas habilidades contempladas pelo IHS-Del-Prette com várias delas (como falar em público, abordar autoridade, abordar desconhecidos) sendo substituídas por outras específicas para o contexto conjugal; na segunda versão (objeto do presente estudo) foram incluídas novas habilidades, a partir do levantamento, na literatura da área de relacionamento e terapia conjugal, daquelas consideradas importantes que não estavam contemplados na versão anterior. Assim, a versão atual do IHSC contempla um conjunto de habilidades que, conforme a literatura especializada, são pertinentes e potencialmente relevantes para a qualidade do relacionamento no contexto conjugal.

A construção do IHSC deu-se durante um longo processo, cujas fases de construção buscaram sempre atender os requisitos metodológicos básicos apontados pelos principais autores da área (destacando-se, aqui, Pasquali, 1999; e Anastasi & Urbina, 2000). Utilizando-se procedimentos como análise semântica dos itens, análise de conteúdo, análise fatorial e análises de correlação entre itens, foi feita a retirada e adaptação de alguns itens, reformulando-se

sistematicamente o instrumento até o formato atual. As etapas de construção do instrumento serão descritas sucintamente a seguir em tópicos e na próxima seção os procedimentos utilizados serão descritos em detalhes:

1. Formulação dos itens com base no IHS-Del-Prette (Del Prette, Z. & Del Prette, A., 2001), efetuando-se sua adaptação para situações e interlocutores do contexto conjugal;
2. Verificação da quantidade e distribuição dos itens, análise semântica, análise de constructo por juízes qualificados;
3. Aplicação piloto e reformulações na redação e seqüência dos itens;
4. Aplicação em amostra de 148 sujeitos e realização de análises estatísticas preliminares;
5. Análise fatorial inicial, que permitiu a identificação de cinco fatores que agruparam os itens e permitiram nomear as classes mais gerais de habilidades sociais contempladas no instrumento;
6. Análise das características psicométricas iniciais do instrumento: validade (análise fatorial), fidedignidade (Coeficiente alfa indicando a consistência interna do teste).

Buscando atender às exigências fundamentais para construção de um teste psicológico, o IHSC passou por vários procedimentos durante sua construção e há ainda alguns a serem realizados no sentido de assegurar características psicométricas aceitáveis, que são descritos a seguir.

- Elaboração dos itens: nesta fase foram realizadas a análise semântica e a análise por juízes (de forma simplificada) chegando-se a itens mais compreensíveis para o respondente potencial e mais representativos do construto avaliado, segundo pesquisadores experientes da área. Na elaboração

da segunda versão, ocasião do acréscimo de itens, estes passaram novamente por análise semântica;

- Quanto à validade aparente, o IHSC mostrou-se adequado com itens que realmente aparentavam relevância e relação com o tema abordado;

- Após a primeira aplicação, o inventário foi submetido à análise fatorial que agrupou os itens em cinco fatores. Alguns itens, que não entraram em nenhum dos fatores foram eliminados. O coeficiente alfa para cada fator, variou de 0,8527 a 0,4297, indicando alguma fidedignidade. Também após a primeira aplicação, foi encontrado um Alpha de Cronbach = 0,807, valor que indica uma boa consistência interna do teste.

1.2.5. Procedimentos de reformulação do instrumento IHSC

Tendo em mãos os resultados das análises psicométricas feitas com o IHSC em estudos anteriores, foram realizadas reformulações no instrumento e nova coleta de dados seguindo as seguintes etapas: (a) reformulações no instrumento a partir dos resultados da análise fatorial (retirada de itens com baixo poder de explicar a variância de fatores); (b) retirada de itens que avaliavam a mesma habilidade e apresentaram correlação significativa com outros; (c) acréscimo de itens no instrumento, com conteúdos considerados importantes segundo novo levantamento da literatura na área de relacionamento conjugal; (d) estudo piloto; (e) reformulações de formato; (f) nova aplicação; (g) novas análises psicométricas.

Descreve-se, a seguir, mais detalhadamente cada uma destas etapas e as reformulações realizadas nos itens do IHSC, a partir dos resultados das análises psicométricas realizadas no estudo com 148 sujeitos e de nova revisão bibliográfica.

A versão inicial do IHSC contemplava quatro classes de habilidades (habilidades gerais de comunicação, civilidade, assertividade direito e cidadania, e expressão de sentimento positivo) descritas na literatura (Del Prette, A. & Del Prette, Z. 2001). Com base no primeiro estudo (Villa, 2002), verificou-se, posteriormente que os itens do instrumento não estavam contemplando algumas classes de habilidades apontadas na literatura como importantes no relacionamento conjugal e que alguns itens, abordando habilidades semelhantes, poderiam ser retirados.

Como vários itens podiam contemplar uma mesma classe de habilidades sociais, para aperfeiçoar o conteúdo do instrumento, procedeu-se, inicialmente, a uma análise das classes que estavam sendo avaliadas em cada item (Apêndice 1). Verificou-se que o instrumento contemplava quatro classes de comportamentos, duas com mais de um item (habilidades de comunicação e assertivas) e duas com somente um. Também se constatou, então, que três outras classes, analisadas como relevantes para o contexto conjugal (seção 1.1.1.) não estavam contempladas no instrumento (automonitoramento, habilidades empáticas e de resolução de problemas).

A Tabela 1 mostra a quantidade e quais habilidades específicas estavam contempladas em cada uma das classes identificadas na versão inicial do IHSC.

Tabela 1
Classes gerais e habilidades avaliadas na versão inicial do IHSC

Classes de habilidades sociais	Habilidades específicas avaliadas	Número de itens
Habilidades gerais de comunicação	Elogiar	2
	Iniciar e manter conversaço	1
	Encerrar conversaço	1
	Fazer perguntas	1
	Fornecer feedback	1
Habilidade de civilidade	Agradecer	2
Habilidades Assertivas, direito e cidadania	Discordar	4
	Fazer pedidos	3
	Recusar pedidos	2
	Expressar desagrado	3
	Manifestar opini	4
Expresso	Estabelecer relacionamento sexual	1
	Cultivar o amor	3

No caso de alguns itens que avaliavam a mesma habilidade dentro de determinada classe e envolviam a mesma situaço e interlocutores, decidiu-se verificar a possibilidade de retir-los do inventrio para evitar que se tornasse muito extenso e repetitivo. Para selecionar tais itens, foi realizado um estudo de correlaço (Spearman) entre os itens que eram semelhantes (Apndice 2). Os resultados mostraram correlaões significativas entre os itens que tratavam da mesma habilidade. Diante das semelhanças entre os itens e correlaões significativas encontradas entre estes, permaneceram os julgados mais apropriados, sendo retirado um dos itens dos pares correlacionados⁴.

⁴ As correlaões encontradas entre os itens apresentados, apesar de significativas, não justificariam por si só a retirada dos mesmos, já que os itens não são colineares. Porém, somando-se o fato dos itens avaliarem a mesma habilidade, num mesmo contexto e com mesmos interlocutores às correlaões significativas julgou-se apropriada a retirada destes.

A retirada dos itens repetitivos permitiu a inclusão de outros com base nas classes ainda não suficientemente contempladas, conforme se descreve a seguir.

Automonitoramento: Gottman e Rushe (1995) colocam como uma das áreas a serem trabalhadas pela Terapia Conjugal Mínima o “acalmar-se e identificar estados de DPA”, o que pode ser tratado como um componente da habilidade de automonitoramento. O autocontrole também estaria presente nesta classe, sendo definido por Hanna & Ribeiro (2005) como uma resposta emitida deliberadamente para reduzir impulsos. Assim, os itens acrescentados foram:

- Autocontrole: *“Durante uma discussão, ao perceber que estou descontrolada emocionalmente (nervosa) consigo me acalmar antes de continuar a discussão”.*

- Identificar estados emocionais: *“Em meio a uma discussão consigo perceber quando eu ou meu cônjuge estamos abalados (nervosos) e que é hora de encerrar a conversa”.*

Habilidades empáticas: Gottman e Rush (1995) destacam que uma Terapia Conjugal Mínima implica em promover a capacidade dos cônjuges em validar os sentimentos do outro. Para atender esta demanda acrescentaram-se os itens:

- Validar sentimentos: *“Quando meu cônjuge está chateado por algum motivo, procuro compreender seus sentimentos e expesso isto a ele”.*

- Manifestar apoio: *“Se meu cônjuge está sofrendo por algum problema tenho dificuldade em fazer algo para demonstrar meu apoio”.*

Comunicação: Apesar de já existirem alguns itens sobre comunicação, constatou-se que nenhum deles tratava especificamente de “ouvir” o cônjuge, que Gottman e Rush (1995) referem como “ouvir não defensivo” e que a literatura das habilidades sociais destaca a importância em termos de “ouvir com atenção”. Para preencher essa lacuna, os itens acrescentados foram:

- Ouvir não defensivo: *“Quando meu cônjuge e eu estamos conversando, costumo ouvir e entender o que ele tem a dizer para depois manifestar minha opinião”.*

- Ouvir com atenção: *“Quando meu cônjuge está me falando sobre algo importante para ele, ouço com atenção”.*

Desculpar-se: esta importante habilidade não estava sendo abordada na versão original do IHSC. Ela é categorizada, segundo Del Prette, A. e Del Prette, Z. (2001) como uma subclasse da classe das habilidades de assertividade, direito e cidadania. Segundo esses autores, desculpar-se não é uma tarefa emocionalmente fácil, porém é importante não somente para a relação como para o autoconceito e auto-estima de quem está se comportando. Sem dúvida, trata-se de uma habilidade ainda mais crítica quando se trata de relacionamentos íntimos e foi contemplada na nova versão do IHSC.

- *“Se cometi alguma falha para com meu cônjuge procuro pedir desculpas”.*

Resolução de problemas: esta habilidade é apontada por vários autores (Gottman & Rushe, 1995; 2000; Rangé & Dattilio, 1995; Snyder, Cozzi, & Luebbert, 2001) como essencial para o bom relacionamento interpessoal e conjugal e foi incluída do IHSC.

- *“Quando temos problemas em comum para resolver, conseguimos conversar e chegar a um acordo sobre o que fazer”.*

Após a retirada e o acréscimo de itens conforme descritos, dentre outras alterações simples de linguagem, o IHS-Del-Prette passou pela aplicação piloto, outras alterações simples e então por nova aplicação (consta dos procedimentos de coleta de dados).

Assim, foram retirados sete itens dos 31 inicialmente constantes no inventário e foram acrescentados 8 itens, resultando no IHSC utilizado neste estudo, com 32 itens.

1.3. Justificativa e objetivos

O presente estudo representa o encaminhamento, em termos de investigação empírica, da preocupação, referida na primeira parte da justificativa deste trabalho, com a relação entre habilidades sociais conjugais, habilidades sociais gerais e satisfação conjugal, bem como com a preocupação, delineada na segunda parte, com o aperfeiçoamento de um instrumento para avaliar as habilidades sociais conjugais. Embora o instrumento seja condição para o encaminhamento da investigação empírica daquelas relações, entendeu-se que seu aperfeiçoamento poderia ser conduzido paralelamente em uma seqüência de tarefas e procedimentos.

Assim, em relação à questão empírica, as considerações anteriores sugerem que, dado o caráter situacional das habilidades sociais, um bom repertório de habilidades sociais gerais não se reverte, necessariamente, em um bom repertório de habilidades sociais conjugais. Por outro lado, são escassos os estudos que relacionam habilidades sociais (sejam elas gerais ou específicas do relacionamento conjugal) à satisfação conjugal. Com relação a essas

considerações, este estudo tem, como parte de seus objetivos: (a) caracterizar o repertório de habilidades sociais conjugais, habilidades sociais gerais e satisfação conjugal de uma amostra de sujeitos casados, aqui se incluindo a associação dessas variáveis com características sócio-demográficas (sexo, idade, escolaridade, número de filhos e tempo de casamento); e (b) analisar as correlações entre habilidades sociais conjugais, habilidades sociais gerais e satisfação conjugal, verificando-se, adicionalmente, o quanto a satisfação de cada um dos cônjuges está relacionada às habilidades sociais gerais e conjugais do parceiro.

Para viabilizar o encaminhamento desses objetivos e, adicionalmente contribuir para futuras pesquisas da área de relacionamento conjugal, um objetivo adicional deste estudo foi o de aperfeiçoar o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais e verificar as características psicométricas de sua segunda versão.

2. MÉTODO

2.1. Amostra

Foram sujeitos deste estudo 406 pessoas, sendo 149 casais (com participação de marido e esposa) e 108 indivíduos que participaram sem os cônjuges (69 mulheres, 39 homens), todos casados ou vivendo juntos. Os participantes foram selecionados com base em dados pessoais coletados por meio de questões constantes do cabeçalho do IHS-Del-Prette e ESC. Foram critérios para seleção: tempo de união (mínimo de um ano), escolaridade (mínimo de segundo grau completo) e idade (mínima de 20 anos). Os critérios de nível de escolaridade e idade foram utilizados como forma de adequar a

amostra estudada às normas dos instrumentos de coleta de dados (IHS-Del-Prette e IHSC), que são apropriados para população de jovens e adultos com escolaridade mínima de segundo grau.

As características sócio-demográficas da amostra finalmente composta são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2
Características sócio-demográficas da amostra

Variável	Níveis	Frequência absoluta	Frequência Relativa (%)
Idade (anos)	20 a 30	56	13,8
	31 a 40	152	37,5
	41 a 50	114	28,1
	51 a 60	44	10,8
	61 a 70	13	3,2
	71 a 80	2	0,5
	não responderam	25	6,2
	total	406	100
Sexo	Feminino	217	53,4
	Masculino	188	46,3
	não respondeu	1	0,2
	total	406	100
Escolaridade	2 ° grau completo	167	41,1
	3° grau incompleto	23	5,7
	3° grau completo	215	53,0
	não responderam	1	0,2
	total	406	100
Nível sócio-econômico *	A1	34	8,4
	A2	107	26,4
	B1	120	29,6
	B2	97	23,9
	C	38	9,4
	Não responderam	10	2,5
	total	406	100
Tempo de casamento	1 a 10	163	40,2
	11 a 20	139	34,2
	21 a 30	72	17,8
	31 a 40	24	5,8
	41 a 50	4	0,9
	não respondeu	4	1,0
	total	406	100
Número de filhos	0	56	13,8
	1	96	23,6
	2	175	43,1
	3	56	13,8
	4	14	3,4
	5 ou mais	5	1,2
	não responderam	4	0,9
	total	406	100
Qual casamento	Primeiro casamento	358	88,2
	Não é o 1° casamento	45	11,1
		3	0,7
	Não responderam	406	100
	total		

*A classificação sócio-econômica foi feita segundo o Critério Brasil, fornecido pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, IBOPE (www.ibope.com.br).

Conforme mostra a Tabela 2, o número de mulheres foi maior do que o de homens, ocorrendo uma pequena diferença, porém, caracterizando a amostra

como equilibrada na variável sexo. As idades variaram de 20 a 73 anos, caracterizando uma amostra bastante heterogênea nesse sentido.

Os respondentes apresentaram, em proporções equivalentes, escolaridade de segundo ou terceiro grau completo e incompleto. Alguns respondentes já haviam tido relacionamentos anteriores, porém a maioria encontrava-se em seu primeiro casamento, com duração média de 14,35 anos. O número médio de filhos foi 1,73, ou seja, entre 1 e 2 filhos.

A classificação sócio-econômica, conforme o Critério Brasil (que divide a população nas classes A1, A2, B1, B2, C, D e E), mostrou que os respondentes se situaram, em sua maioria, nas classes A, B e C, concentrando maior número de respondentes das classes A2, B1 e B2.

2.2. Instrumentos

Escala de Satisfação Conjugal (ESC, de Pick de Weiss & Andrade Palos, 1988 - Anexo 1). A Escala de Satisfação Conjugal é um instrumento traduzido e validado para a população brasileira por Dela Coleta (1989), com características psicométricas satisfatórias (Dela Coleta, 1989). Consta de 24 itens, com três opções de resposta, que se referem a três aspectos do relacionamento, permitindo uma medida global e três medidas parciais de satisfação: (a) satisfação com os aspectos emocionais do cônjuge; (b) satisfação com a interação conjugal; (c) satisfação com a forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge. Juntamente com esta escala foi anexado um indicador adicional de satisfação conjugal, com uma linha contínua graduada para que o respondente indicasse uma nota (de 1 a 10) que representasse sua satisfação atual com o casamento.

Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette – Anexo 2). Trata-se de um instrumento de auto-relato para a avaliação de habilidades sociais, desenvolvido por Z. A. P. Del Prette e A. Del Prette (2001) com validação junto a uma amostra de estudantes universitários e características psicométricas satisfatórias (Del Prette, Del Prette & Barreto, 1998). O IHS-Del-Prette compõe-se de duas partes. A primeira contém as instruções e uma lista de 38 itens, cada um descrevendo uma situação que envolve uma relação interpessoal e uma demanda de habilidade para reagir àquela situação. O respondente deve estimar a frequência com que reage da forma sugerida em cada item (considerando o total de vezes que se encontrou na situação descrita) e anotar sua resposta em escala tipo *Likert*, com cinco pontos, variando de *nunca ou raramente a sempre ou quase sempre*. Em alguns itens há um fraseado "negativo", ou seja, pontuação mais alta define atitudes menos habilidosas socialmente, devendo-se, nestas, inverter a pontuação do para a obtenção do escore. A segunda parte do instrumento contém um cabeçalho para caracterização do respondente e um quadro para anotação das respostas, precedido por instruções e pelo modelo da escala para estimativa da frequência das respostas. Os itens do IHS-Del-Prette, contemplando, diferentes demandas de habilidades em diferentes contextos e com diferentes interlocutores, apresentam uma estrutura de cinco fatores: Enfrentamento e auto-afirmação com risco, Auto-afirmação na expressão de sentimento positivo, Conversação e desenvoltura social, Auto-exposição a desconhecidos e situações novas, e Autocontrole da agressividade.

Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC – Anexo 3). Este instrumento conta com 32 itens que avaliam a frequência da emissão de comportamentos socialmente habilidosos no contexto conjugal. Baseia-se no IHS-Del-Prette (Del Prette, Z. & Del Prette, A., 2001) e apresentou características

psicométricas favoráveis num estudo com amostra de 148 sujeitos: boa consistência interna (Alpha de Cronbach= 0,75) e, em sua primeira versão (Villa, 2002), uma estrutura fatorial coerente com suas bases conceituais. O IHSC é semelhante ao IHS-Del-Prette, com supressão de alguns itens na primeira versão e acréscimo ou alterações adicionais na segunda versão (objeto do presente estudo), em ambos os casos para torná-lo mais específico às situações próprias do relacionamento conjugal. Além disso, há algumas diferenças no seu formato, com espaço reservado para as respostas em coluna ao lado dos itens. A análise das características psicométricas desta versão do instrumento faz parte dos objetivos deste estudo e serão descritas na seção de resultados.

2.3. Procedimento de coleta de dados

Inicialmente foi realizada uma aplicação-piloto (N=11) para verificação do tempo de aplicação de cada instrumento, da quantidade de encontros necessários para o preenchimento destes e outras questões psicométricas referentes ao instrumento IHSC (já descritas anteriormente). Verificou-se um tempo médio de 40 minutos para aplicação dos três instrumentos, decidindo-se realizá-la em um único encontro.

Os participantes foram recrutados por meio de visitas da pesquisadora a instituições de ensino, igrejas, clubes e condomínios. Os indivíduos foram convidados a participar preferencialmente junto com os cônjuges, porém, com possibilidade de participarem individualmente. Foram agendados encontros, na maioria com grupos de casais nos locais acima descritos ou, em alguns casos, nas residências dos mesmos.

Na data agendada, a pesquisadora iniciou as entrevistas esclarecendo a importância da realização de estudos científicos na área de relacionamento

conjugal, os objetivos da pesquisa e os cuidados éticos na elaboração da mesma. A seguir foi estipulada uma previsão do tempo gasto para a aplicação e solicitou-se que os participantes preenchessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tomando conhecimento das condições previstas (sigilo, anonimato, devolutiva, possibilidade de desistência, caráter voluntário, possibilidade de acompanhamento psicológico) e concordando em participar da pesquisa.

O TCLE foi recolhido e aqueles que concordaram em participar receberam um envelope contendo os instrumentos ESC, IHS-Del-Prette e IHSC. Solicitou-se então que os cônjuges sentassem afastados um do outro e não fizessem comentários durante o preenchimento. Após a acomodação dos participantes foram fornecidas as instruções necessárias ao preenchimento dos formulários.

Devido à semelhança no formato e itens dos instrumentos IHS-Del-Prette e IHSC (já que ambos avaliam habilidades sociais), considerou-se prudente, para evitar possível tendenciosidade nas respostas, uma inversão na ordem de aplicação dos mesmos – para metade da amostra aplicou-se inicialmente o IHS-Del-Prette e para outra metade iniciou-se com o IHSC .

2.4. Tratamento dos dados

Os dados pessoais e as respostas aos três instrumentos de avaliação (IHSC, IHS-Del-Prette e ESC) foram digitados e organizados em planilhas, utilizando-se o pacote estatístico SPSS 10.0 for Windows. Optou-se por trabalhar com duas planilhas de dados, sendo uma delas da amostra total (N=406) e a outra somente dos sujeitos cujos cônjuges também participaram da pesquisa (N=298), com as

correlações cruzadas (marido e esposa) sendo foram feitas exclusivamente com base nesta última.

Inicialmente foram feitas análises estatísticas⁵ descritivas da amostra e dos escores individuais obtidos nos instrumentos IHS-Del-Prette, IHSC e ESC.

Para a definição das qualidades psicométricas do IHSC, foram conduzidas análises estatísticas complementares: Análise Fatorial, Análise dos Componentes Principais, análise de itens (índice de discriminação e índice de coeficiente de correlação) e consistência interna (Alpha de Cronbach). No caso das Análises Fatorial e de Componentes Principais, o trabalho foi realizado em etapas, sendo que as decisões quanto aos próximos passos foram tomadas de conformidade com os resultados das análises realizadas. Este processo está descrito na seção de resultados.

Em seguida, os resultados dos três instrumentos foram analisados comparativamente, conforme o objetivo deste trabalho, verificando a existência de correlações entre os três aspectos avaliados nos respectivos instrumentos.

Foram realizadas também análises das possíveis influências de variáveis sócio-demográficas da amostra (sexo, tempo de casamento, idade, número de filhos e nível de escolaridade, nível sócio-econômico) sobre as variáveis principais deste estudo: satisfação conjugal e habilidades sociais (gerais e conjugais). Para isto foram feitos testes não-paramétricos, comparando médias e análises de correlação (Spearman's rho).

Neste estudo adotou-se um intervalo 95% de confiança, ou seja, $p < 0,05$ como grau de significância dos testes, conforme costuma considerar-se na área das ciências humanas e sociais (Levin & Fox, 2004). Para verificação da

⁵ O trabalho estatístico foi assessorado por Geraldo Cássio dos Reis, estatístico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e Maria Cecília Mendes Barreto, professora aposentada do Departamento de Estatística e Matemática da UFSCar.

intensidade das correlações calculadas neste estudo, foi utilizado o critério proposto por Levin e Fox (2004).

O N variou para as diversas estatísticas apresentadas a seguir, já que, nem todos os participantes responderam a todas as questões, sendo excluídos na análise de variáveis por eles não respondidas. No caso da análise Fatorial/Análise de Componentes Principais, os casos omissos foram substituídos pelo valor inteiro mais próximo da média da variável em que ele estava quando da elaboração das estatísticas.

2.5. Aspectos éticos

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP (Processo, 109/2003 – 2003.1.1112.59.1.), procedendo-se a todos os cuidados, especificados no Protocolo, para a coleta de dados.

Sendo o objetivo final deste estudo colaborar com a ciência a serviço do homem, era imprescindível tomar certos cuidados éticos a fim de não causar nenhum tipo de prejuízo ou desconforto àqueles que iriam com ele colaborar, no caso, homens e mulheres que expuseram parte de suas vidas através das respostas aos instrumentos aplicados. Para que se sentissem à vontade e seguros para responderem com franqueza e naturalidade aos itens, foi-lhes garantido o sigilo das informações, bem como o anonimato, de forma que não houve identificação em nenhum momento da coleta de dados (com exceção do Termo de consentimento informado, que não fez parte do conjunto de dados coletados). Uma outra medida adotada como promotora de bem estar aos sujeitos foi a de explicitar aos mesmos a importância da realização de pesquisas desta natureza e da colaboração de voluntários como eles, além da garantia de

que os resultados da pesquisa seriam divulgados a eles por meio de uma síntese por escrito assim que a mesma fosse concluída.

Foi também requerida, dos participantes, a assinatura em um documento de autorização, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 4), segundo normas do Conselho Nacional de Saúde, resolução N°196 de dezembro de 1990, IV, por meio do qual forneceram seu consentimento de participação na pesquisa. Neste documento eram esclarecidos os objetivos da pesquisa, o sigilo e anonimato, a forma de participação, a possibilidade de acompanhamento psicológico pela pesquisadora caso necessário, a possibilidade de desistir da participação a qualquer momento, a garantia de devolutiva dos resultados do estudo, o caráter voluntário da participação.

3. RESULTADOS

A seguir serão descritos os resultados encontrados neste estudo, organizados em três conjuntos: Análises Descritivas dos instrumentos IHS-Del-Prette, IHSC e ESC; Análises de correlação entre os instrumentos e com variáveis sócio-demográficas e; Características Psicométricos do IHSC.

3.1. Análises descritivas dos instrumentos IHS-Del-Prette, IHSC e ESC

Nesta seção serão apresentadas as curvas de frequência de escores para cada um dos instrumentos aplicados (IHSC, IHS-Del-Prette e ESC), bem como média, desvio padrão e número de respondentes em cada instrumento (com relação ao escore total).

A Figura 1 representa a distribuição dos escores do IHS-Del-Prette na amostra e a curva resultante.

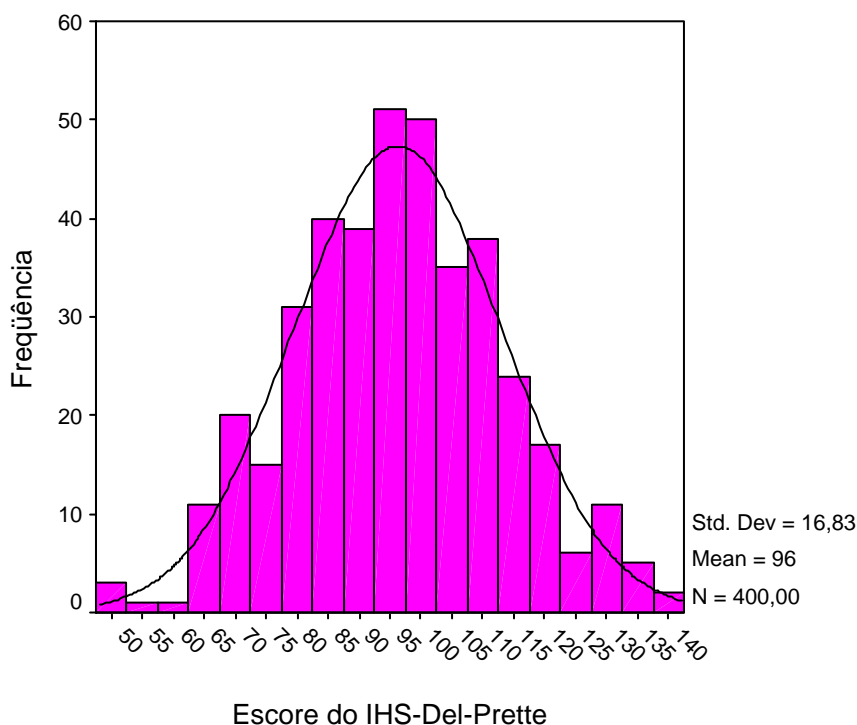


Figura 1. Distribuição amostral dos escores no IHS-Del-Prette

Observa-se claramente uma distribuição normal dos escores do IHS-Del-Prette na amostra estudada. O teste de normalidade Kolmogorov-Smirnov⁶ não rejeita tal distribuição ($S=,573$ $p=,898$).

A Figura 2 mostra a distribuição dos escores do IHSC na amostra estudada e a curva produzida.

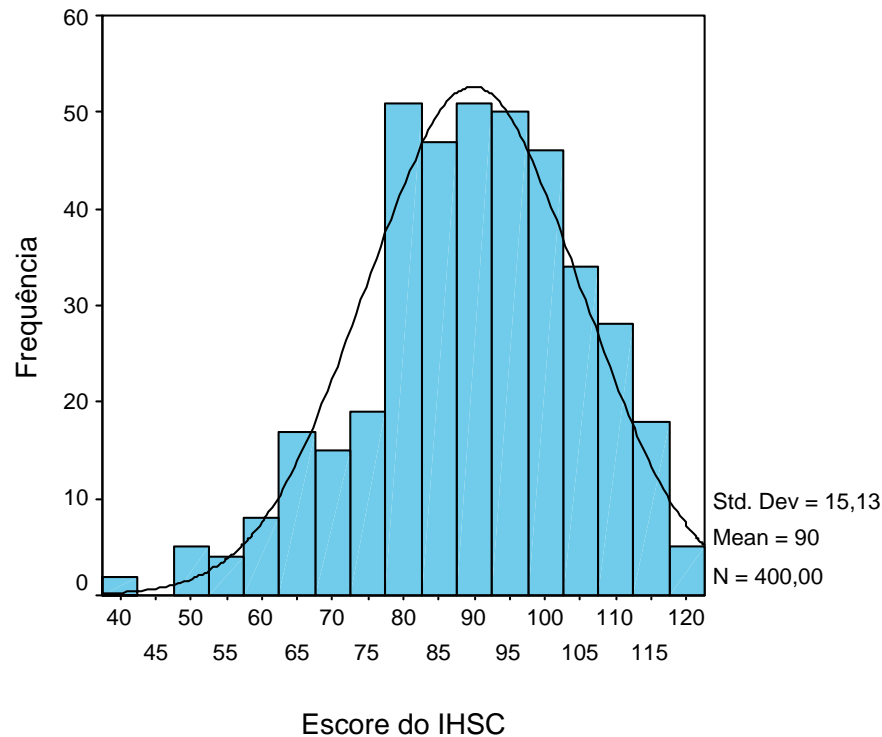


Figura 2. Distribuição amostral dos escores no IHSC

A Figura 2 apresenta uma curva também aparentemente normal, sendo que o teste de normalidade Kolmogorov-Smirnov não rejeita distribuição normal ($S=,878$ $p=,424$). Comparando estes dados com o estudo anterior (Villa, 2002) notam-se resultados muito semelhantes ($M=89,3$ $DP=13,45$).

⁶ No teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov, " H_0 = a população tem distribuição normal". O valor de p é o menor valor do nível de significância que conduz à rejeição da hipótese nula. Assim, valores grandes de p conduzem a não rejeição da hipótese nula e valores pequenos do p à sua rejeição.

A Figura 3 mostra a distribuição dos escores da ESC na amostra e a curva resultante.

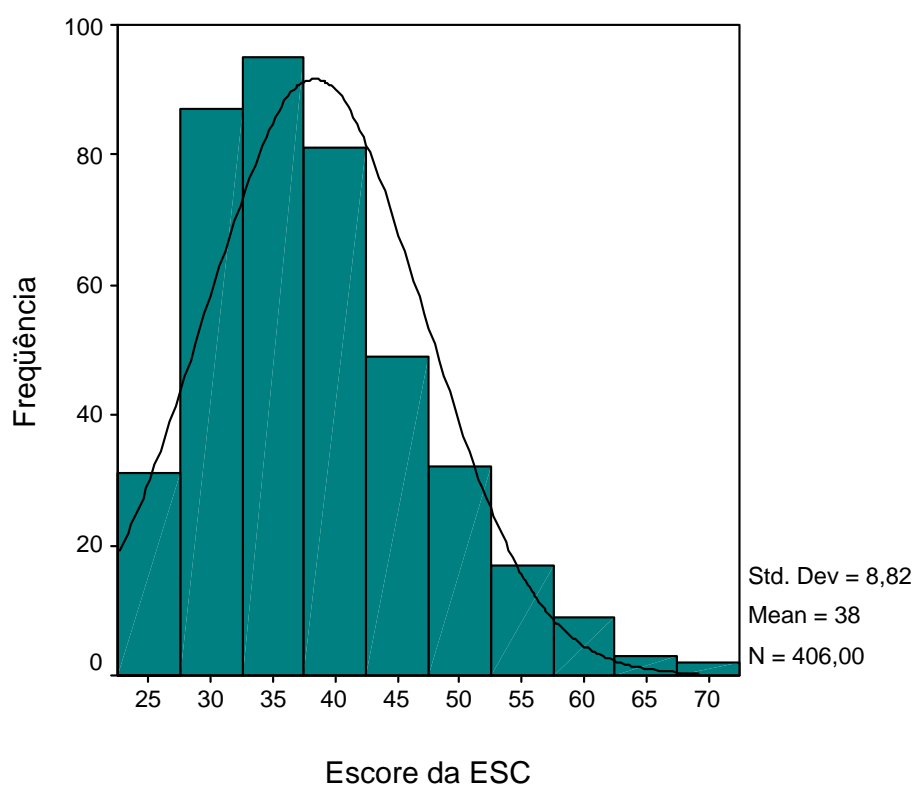


Figura 3. Distribuição amostral dos escores na ESC

A Figura 3 revela que a curva de distribuição amostral dos escores da ESC não tem características de normalidade. O teste de normalidade Kolmogorov-Smirnov rejeita distribuição normal ($S=1,771$ $p=,004$).

3.2. Análises comparativas

Serão apresentadas a seguir análises de correlação entre os instrumentos aplicados IHSC, IHS-Del-Prette e ESC (escores totais e escores fatoriais) e entre os escores de satisfação conjugal (ESC) e variáveis sócio-demográficas.

Inicialmente será feita a apresentação das correlações entre os instrumentos IHSC e ESC (escores gerais e fatoriais e itens do IHSC) para a amostra total, para homens e mulheres separadamente e correlação cruzada entre

dados do marido e da esposa. Em seguida serão apresentados os resultados das correlações entre os instrumentos IHS-Del-Prette e ESC (escores gerais e fatoriais) para a amostra total, para homens e mulheres separadamente e correlação cruzada entre dados do marido e da esposa. A terceira parte tratará dos resultados das correlações entre os instrumentos IHS-Del-Prette e IHSC (escores gerais e fatoriais) para a amostra total e para homens e mulheres separadamente. Por fim serão apresentadas as correlações entre a ESC e variáveis sócio-demográficas.

Optou-se por utilizar testes não paramétricos (correlação de Spearman) e Correlação de Pearson, já que seus resultados poderiam apresentar diferentes nuances dos dados analisados em questão. Não foi encontrada nenhuma discrepância entre os resultados de uma e outra estatística.

A fim de facilitar a compreensão dos resultados que seguem, listaremos os nomes correspondentes aos fatores dos três instrumentos que serão analisados.

Fatores do IHSC:

F1= Comunicação e expressividade

F2= Asserção de auto-defesa

F3= Expressão de intimidade

F4= Autocontrole empático

F5= Assertividade pró-ativa

F6= Evitação de conflitos

Fatores do IHS-Del-Prette:

F1= Enfrentamento e auto-afirmação com risco

F2= Auto-afirmação na expressão de sentimento positivo

F3= Conversação e desenvoltura social

F4= Auto-exposição a desconhecidos e situações novas

F5= Autocontrole da agressividade

Subescalas da ESC:

Subescala 1= Satisfação com os aspectos emocionais do cônjuge

Subescala 2= Satisfação com a interação conjugal

Subescala 3= Satisfação com a forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge

3.2.1. Análises de correlação entre o IHSC e a ESC

A Tabela 3 mostra as correlações (*Spearman's rho e Pearson*) entre os escores total e fatoriais do IHSC e o escore total e Subescalas 1, 2, e 3 da ESC para a amostra total (não especificando o sexo).

Tabela 3
Correlações entre escores total e fatoriais dos instrumentos IHSC e ESC para a Amostra geral (homens e mulheres)

Escore		Total	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6
		IHSC	IHSC	IHSC	IHSC	IHSC	IHSC	IHSC
Total	r	-,445**	-,350**	-,133**	-,138**	-,262**	,044	-,195**
ESC	S	-,437**	-,350**	-,119*	-,141**	-,225**	,035	-,170**
	N	400	400	400	400	400	400	400
ESC	r	-,417**	-,341**	-,112*	-,133*	-,237**	,031	-,195**
Sub 1	S	-,418**	-,331**	-,122*	-,112*	-,232**	,022	-,179**
	N	400	400	400	400	400	400	400
ESC	r	-,351**	-,224**	-,173**	-,125*	-,188**	,014	-,109*
Sub 2	S	-,340**	-,226**	-,165**	-,133**	-,191**	,009	-,091*
	N	400	400	400	400	400	400	400
ESC	r	-,349**	-,295**	-,071	-,115*	-,228**	,064	-,170**
Sub 3	S	-,333**	-,297**	-,062	-,106*	-,218**	,056	-,138**
	N	400	400	400	400	400	400	400

**Correlação significativa ao nível de ,01

*Correlação significativa ao nível de ,05

A correlação de Spearman e coeficiente de correlação de Pearson apresentaram resultados semelhantes. Observa-se correlação negativa significativa entre o escore do IHSC e o escore da ESC. Considerando que, quanto menor o valor do escore da ESC maior a satisfação, estas intercorrelações indicam que os respondentes mais satisfeitos (escores menores), segundo avaliação da ESC, são também os que apresentam melhor repertório de habilidades interpessoais, indicado por escores mais altos em habilidades sociais conjugais.

O escore da ESC também apresentou correlações negativas significativas (apesar de baixas) com 5 dos 6 fatores do IHSC, ficando de fora apenas o Fator 5 (Assertividade pró-ativa). Assim, respondentes com maiores escores fatoriais nos Fatores 1, 2, 3, 4 e 6 do IHSC mostraram-se mais satisfeitos com seu relacionamento. Da mesma forma, as correlações entre o escore do IHSC e as Subescalas da ESC foram negativas e significativas (e um pouco mais altas), indicando que respondentes com maior repertório de habilidades sociais no contexto conjugal são mais satisfeitos com cada um dos aspectos avaliados nas subescalas da ESC (e vice-versa), ou seja, aspectos emocionais do cônjuge, interação e forma de organização e estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge.

Os Fatores 1 e 4 do IHSC apresentaram correlação negativa altamente significativa com o escore e todas as Subescalas da ESC, indicando que respondentes que apresentaram maiores níveis nestes aspectos específicos (comunicação e expressividade / autocontrole empático) são também mais satisfeitos com o relacionamento conjugal de forma geral e particularmente nas três subescalas (e vice-versa).

A análise de correlação entre os **itens** do IHSC e o escore da ESC permite uma visão mais detalhada das habilidades interpessoais conjugais que estão relacionadas à satisfação conjugal. A Tabela 4 apresenta estes resultados.

Tabela 4
Correlação entre os itens do IHSC e o escore da ESC (*Spearman's rho*)

Itens do IHSC	S	p
1) No dia a dia, <u>converso naturalmente sobre qualquer assunto com meu cônjuge.</u>	-,261**	,000
2) Quando meu cônjuge insiste em dizer o que devo fazer, mesmo contrariando o que penso, <u>acabo aceitando para evitar problemas.</u>	,030	,544
3) Quando meu cônjuge está me falando sobre algo importante para ele(a), <u>ouço-o(a) com toda a atenção.</u>	-,262**	,000
4) Ao ser elogiado(a) sinceramente por meu cônjuge, <u>respondo-lhe agradecendo.</u>	-,210**	,000
5) Em uma conversa, se meu cônjuge me interrompe, <u>peço-lhe que espere até eu terminar o que estava dizendo.</u>	,031	,537
6) Quando meu cônjuge deixa de cumprir algum de nossos acordos, <u>dou um jeito de lembrá-lo(a).</u>	-,099*	,046
7) <u>Sinto dificuldade em expressar sentimentos de carinho através de palavras ou gestos a meu cônjuge.</u>	-,271**	,000
8) Se cometi alguma falha com meu cônjuge, <u>procuro pedir-lhe desculpas.</u>	-,286**	,000
9) Durante uma discussão, ao perceber que estou descontrolado(a) emocionalmente (nervoso(a)), <u>consigo me acalmar</u> antes de continuar a discussão.	-,119*	,017
10) <u>Sinto-me constrangido(a)</u> em pedir a meu cônjuge que não faça certas carícias que me incomodam.	-,041**	,004
11) Se estou querendo ter relação sexual com meu cônjuge, <u>consigo tomar a iniciativa ou fazê-lo(a) perceber isto.</u>	-,029	,555
12) Se meu cônjuge me faz um elogio, <u>fico encabulado(a), sem saber o que dizer.</u>	-,107*	,032
13) Se não concordo com meu cônjuge, digo isto a ele(a).	-,144**	,004
14) Se não quero conversar sobre um assunto com meu cônjuge, tenho dificuldade de encerrar ou mudar o assunto, <u>deixando que ele(a) o faça.</u>	-,173**	,000
15) Se meu cônjuge fala de forma alterada comigo, <u>espero que ele(a) termine o que tem a dizer para depois dar minha opinião.</u>	-,188**	,000
16) Quando meu cônjuge me critica, <u>reajo de forma agressiva.</u>	-,211**	,000
17) Quando meu cônjuge pede que eu faça uma tarefa que é dele(a), <u>consigo negar-me a fazê-la.</u>	,092	,065
18) Sempre que preciso esclarecer algo com meu cônjuge, <u>faço as perguntas que acho necessárias.</u>	-,251**	,000
19) Se meu cônjuge faz algo que não gosto, <u>tenho dificuldade em dizer isto a ele(a).</u>	-,224**	,000
20) Quando temos problemas em comum para resolver, <u>conseguimos conversar e chegar a um acordo sobre o que fazer.</u>	-,352**	,000
21) Mesmo quando estou sobrecarregado(a) com várias tarefas, <u>prefiro não pedir ajuda a meu cônjuge.</u>	-,035	,486
22) Quando meu cônjuge consegue alguma coisa importante, pela qual se empenhou muito, <u>eu o(a) elogio pelo sucesso.</u>	-,283**	,000
23) Se não estou disposto(a) a ter relação sexual, <u>acabo concordando para evitar que ele(a) fique irritado(a) ou magoado(a) comigo.</u>	-,119*	,017
24) Se estou sentindo-me bem (feliz), <u>expresso isso para meu cônjuge.</u>	-,222**	,000
25) <u>Consigo "levar na esportiva"</u> as brincadeiras do meu cônjuge a meu respeito.	-,231**	,000
26) Se meu cônjuge avalia de forma injusta meu desempenho em alguma atividade, <u>evito discutir sua avaliação.</u>	-,156**	,002

Itens do IHSC	S	p
27) Em situação de conflito de opiniões com meu cônjuge, <u>consigo fazê-lo(a) compreender a minha posição.</u>	-,213**	,000
28) Se meu cônjuge está sofrendo por algum problema, <u>tenho dificuldade em fazer algo para demonstrar-lhe meu apoio.</u>	-,255**	,000
29) Em meio a uma discussão, <u>consigo perceber quando eu ou meu cônjuge estamos abalados</u> (nervosos) e que é hora de encerrar a conversa.	-,194**	,000
30) <u>Prefiro esconder minha opinião a ferir os sentimentos do meu cônjuge</u> , mesmo quando solicitado(a) a dizer o que penso.	-,153**	,002
31) Durante a relação sexual, <u>consigo dizer a meu cônjuge quais carícias mais me agradam.</u>	-,242**	,000
32) Quando meu cônjuge está chateado(a), <u>consigo colocar-me no seu lugar e dizer que compreendo o que ele(a) está sentindo.</u>	-,337**	,000

**Correlação significativa ao nível de ,01

*Correlação significativa ao nível de ,05

Dos trinta e dois itens do IHSC, vinte e sete apresentaram correlação negativa com o escore de satisfação conjugal: 23 deles altamente significativa ($p < 0,01$) e quatro significativos ($p < 0,05$). Apenas cinco itens não apresentaram correlação significativa com o escore da ESC. Estes resultados mostram que a grande maioria das habilidades avaliadas pelo IHSC está particularmente relacionada à satisfação conjugal, sendo que quanto maiores os escores de habilidades apresentados pelos respondentes, maior também a satisfação conjugal nestes itens específicos (e vice-versa).

Observa-se, na Tabela 5, os resultados das correlações entre escores do IHSC e da ESC para respondentes do sexo feminino e masculino separadamente.

Tabela 5
Correlação de Spearman e coeficiente de correlação (Pearson) entre os escores dos instrumentos IHSC e a ESC, para mulheres e homens

Escores	r	p	S	p	N
IHSC – M x ESC - M	-,387**	,000	-,374**	,000	147
IHSC – H x ESC - H	-,452**	,000	-,434**	,000	146

**Correlação significativa ao nível de ,01

*Correlação significativa ao nível de ,05

Os resultados descritos na Tabela 5 mostram correlação negativa significativa entre o escore do IHSC e da ESC para respondentes do sexo

feminino, ou seja, assim como ocorreu para a amostra total, altos níveis de satisfação conjugal foram associados a altos níveis de habilidades sociais conjugais na amostra feminina.

Com relação aos respondentes do sexo masculino, a Tabela 5 mostra dados de correlação negativa significativa entre escores do IHSC e escores da ESC. Estes resultados são coincidentes com os da amostra total e feminina no sentido de que, nos três casos, respondentes com maiores níveis de habilidades sociais no contexto conjugal possuem maior satisfação com o casamento.

A Tabela 6 apresenta os resultados de correlação cruzada entre escores total e fatoriais das esposas no IHSC e escores total e fatoriais dos maridos na ESC.

Tabela 6
Correlações entre escores total e fatoriais do IHSC das esposas (M) e escores total e fatoriais do ESC dos maridos (H)

Escore		Total	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6
		IHSC-M	IHSC-M	IHSC-M	IHSC-M	IHSC-M	IHSC-M	IHSC-M
Total	r	-,196*	-,092	-,005	,045	-,245**	,006	-,288**
ESC H	S	-,197*	-,114	-,016	,045	-,220**	,003	-,289**
	N	147	147	147	147	147	174	147
ESC H	r	-,248**	-,187*	,003	-,012	-,276**	,041	-,247**
Sub 1	S	-,235**	-,161*	-,015	-,019	-,197*	,025	-,237**
	N	147	147	147	147	147	147	147
ESC H	r	,161	-,032	-,044	,084	-,261**	,034	-,228**
Sub 2	S	-,154	-,089	-,054	,110	-,275**	,034	-,192*
	N	147	147	147	147	147	147	147
ESC H	r	-,070	,013	,021	,057	-,077	-,059	-,244**
Sub 3	S	-,042	,010	-,006	,097	-,061	-,069	-,250**
	N	147	147	147	147	147	147	147

**Correlação significativa ao nível de ,01

*Correlação significativa ao nível de ,05

Segundo dados da Tabela 6, foi encontrada correlação negativa significativa entre escore total das esposas no IHSC e escore total dos maridos no ESC, porém não tão alta como nas análises anteriores, nas quais se consideravam

correlações entre resultados de um mesmo respondente (não entre cônjuges) nos instrumentos IHSC e ESC. Pode-se observar dos dados que, de modo geral (escore total) maridos mais satisfeitos com o relacionamento possuem esposas socialmente mais habilidosas no contexto conjugal (e vice-versa).

O Fator 6 do IHSC, foi, para o sexo feminino, significativa e negativamente correlacionado com o escore e todas as subescalas da ESC dos maridos. Esposas mais habilidosas em evitar conflitos (Fator 6) possuem maridos mais satisfeitos (de forma geral e em cada subescala) com o relacionamento conjugal (e vice-versa). O escore geral e as Subescalas 1 e 2 da ESC de respondentes do sexo masculino também foram correlacionados significativa e negativamente com o Fator 4 do IHSC feminino, indicando que esposas mais habilidosas em autocontrole empático possuem maridos mais satisfeitos com o relacionamento. O mesmo não ocorreu para os Fatores 2 (asserção de auto-defesa) e 3 (expressão de intimidade) do IHSC de respondentes do sexo feminino, ou seja, não há correlação significativa com o escore e com nenhuma das Subescalas da ESC de homens.

A Tabela 7 sintetiza resultados das correlações entre escores total e fatoriais das esposas na ESC e escores total e fatoriais dos maridos no IHSC.

Tabela 7

Correlações entre escores total e fatoriais do IHSC dos maridos (H) e escores total e fatoriais do ESC das esposas (M)

Escores		Total	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6
		IHSC-H	IHSC-H	IHSC-H	IHSC-H	IHSC-H	IHSC-H	IHSC-H
Total	r	-,249**	-,356**	-,198*	-,003	-,069	-,099	-,036
ESC M	S	-,268**	-,333**	-,218**	,106	-,081	-,111	-,020
	N	146	146	146	146	146	146	146
ESC M	r	-,323**	-,385**	-,175*	-,046	-,105	-,114	,000
Sub 1	S	-,325**	-,376**	-,147*	-,012	-,166*	-,138	,041
	N	146	146	146	146	146	146	146
ESC M	r	-,202*	-,229**	-,146	-,019	-,073	,055	-,125
Sub 2	S	-,173*	-,229**	-,146	,057	-,090	,051	-,139
	N	146	146	146	146	146	146	146
ESC M	r	-,179*	-,234**	-,162*	,060	,009	-,138	-,001
Sub 3	S	-,188*	-,225**	-,211**	,159	-,013	-,158	,007
	N	146	146	46	146	146	146	146

**Correlação significativa ao nível de ,01

*Correlação significativa ao nível de ,05

Segundo dados da Tabela 7, foi encontrada correlação negativa significativa também entre ESC das esposas e IHSC dos maridos. Ou seja, de forma geral (escore total), maridos com maiores níveis de habilidades sociais no contexto conjugal possuem esposas mais satisfeitos com o relacionamento (assim como o inverso).

Com relação às correlações entre fatores, observam-se semelhanças e diferenças nos resultados apresentados nas Tabelas 6 e 7. A principal diferença foi a ausência de correlação significativa do escore total e das subescalas da ESC para respondentes do sexo feminino com o Fator 6 (ao contrário dos maridos), indicando que a habilidade do marido em evitar conflitos não está relacionada à satisfação conjugal da esposa. Outra diferença importante foi a presença de correlação negativa do escore e de todas as subescalas da ESC (com exceção da Subescala 2) de mulheres com o F1 e F2 do IHSC de

respondentes do sexo masculino, revelando a relação entre esposas satisfeitas com o casamento (em termos gerais e específicos) e maridos com altos níveis de comunicação/expressividade e na asserção de auto-defesa. Outra correlação negativa altamente significativa encontrada (em ambas as tabelas) foi entre o escore do IHSC e a Subescala 1 da ESC, indicando que respondentes que, de forma global, apresentaram maiores escores de habilidades sociais no contexto conjugal possuem cônjuges mais satisfeitas com aspectos emocionais do cônjuge.

Como semelhanças nos resultados das Tabelas 6 e 7 aponta-se a ausência de correlações do escore total e das subescalas da ESC com os Fatores 3 e 5 do IHSC, indicando que a satisfação conjugal dos respondentes (seja homem ou mulher) não estava relacionada às habilidades de expressão de intimidade e assertividade pró-ativa do cônjuge.

3.2.2. Análises de correlação entre o IHS-Del-Prette e a ESC

A Tabela 8 mostra as correlações (*Spearman's rho* e *Pearson*) do escore total e dos cinco escores fatoriais do IHS-Del-Prette com o escore total e Subescalas 1, 2, e 3 da ESC para a amostra total (não especificando o sexo).

Tabela 8
Correlações entre escores total e fatoriais dos instrumentos IHS-Del-Prette e ESC para a amostra geral (homens e mulheres)

Escores		Total	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5
		IHS-Del-Prette	IHS-Del-Prette	IHS-Del-Prette	IHS-Del-Prette	IHS-Del-Prette	IHS-Del-Prette
Total	r	-,166**	-,110*	-,196**	-,097	,011	-,102*
ESC	S	-,171**	-,107*	-,210**	-,093	,022	-,093
	N	400	400	402	402	403	402
ESC	r	-,146**	-,075	-,187**	-,075	-,007	-,121*
	Sub 1	S	-,149**	,072	-,214**	-,074	,030
	N	400	400	402	402	403	402
ESC	r	-,143**	-,137**	-,119*	-,097	,000	-,067
	Sub 2	S	-,131*	-,122*	-,110*	-,068	,010
	N	400	400	402	402	403	402
ESC	r	-,134**	-,085	-,175**	-,081	,037	-,060
	Sub 3	S	-,134**	-,081	-,180**	-,081	,053
	N	400	400	402	402	403	402

**Correlação significativa ao nível de ,01

*Correlação significativa ao nível de ,05

Os resultados apresentados na Tabela 8 mostram correlação negativa significativa entre o escore do IHS-Del-Prette e o escore da ESC. Assim, segundo os dados, quanto maiores os escores de habilidades sociais apresentados pelo respondente, mais satisfeito (escore mais baixo) estará com seu relacionamento conjugal. Porém, esta correlação é menor (e com menor grau de significância) do que a encontrada no caso do escore do IHSC com a ESC (Tabela 3, de forma que satisfação conjugal foi mais relacionada a habilidades sociais específicas do contexto conjugal do que a habilidades sociais gerais.

Encontrou-se correlação negativa entre o escore total e o Fator 2 do IHS-Del-Prette com o escore total e as três subescalas da ESC. Assim, respondentes que apresentaram mais habilidades sociais de forma global e com relação à

auto-afirmação na expressão de sentimento positivo (em diversos contextos) relataram também mais satisfação com o relacionamento conjugal (global e especificamente). Encontrou-se ainda correlação negativa entre o escore da ESC e os Fatores 1 e 5 do IHS-Del-Prette, ou seja, respondentes mais habilidosos no enfrentamento e afirmação com risco e no autocontrole da agressividade estavam mais satisfeitos com o casamento. Este último (Fator 5) foi também correlacionado, negativamente, com a Subescala 1 da ESC, indicando que respondentes que apresentaram mais comportamentos relacionados ao autocontrole da agressividade são mais satisfeitos com aspectos emocionais do cônjuge. Finalmente, o Fator 1 do IHS-Del-Prette foi correlacionado negativamente com a Subescala 2 da ESC, mostrando que respondentes mais habilidosos no enfrentamento e auto-afirmação com risco estavam mais satisfeitos com a interação conjugal.

A Tabela 9 mostra a correlação entre escores do IHS-Del-Prette e da ESC para respondentes do sexo masculino e feminino separadamente.

Tabela 9
Correlação de Spearman e coeficiente de correlação (Pearson) entre os escores dos instrumentos IHS-Del-Prette e a ESC, para homens e mulheres

Escores	r	p	S	p	N
IHS-Del-Prette H x ESC H	-,190*	,021	-,203*	,014	148
IHS-Del-Prette M x ESC M	-,141	,090	-,133	,110	146

**Correlação significativa ao nível de ,01
*Correlação significativa ao nível de ,05

Os dados da Tabela 9 revelam correlação negativa significativa (porém baixa) entre escores do IHS-Del-Prette e da ESC, de forma que homens que apresentaram maiores escores de habilidades sociais em diversos contextos apresentaram também mais satisfação conjugal. Já com relação às

respondentes do sexo feminino, os dados mostram que não houve correlação significativa entre escore do IHS-Del-Prette e da ESC.

Resultados das análises de possíveis interferências do comportamento social de cônjuges para com seus parceiros (medidas de satisfação conjugal) seguem nas Tabelas 10 e 11, apresentando respectivamente correlação cruzada dos escores total e fatoriais do IHS-Del-Prette dos maridos (H) com escores total e fatoriais do ESC das esposas (M) e correlação cruzada dose escores total e fatoriais do IHS-Del-Prette das esposas (M) com os escores total e fatoriais do ESC dos maridos (H).

Tabela 10
Correlações entre escores total e fatoriais do IHS-Del-Prette dos maridos (H) e escores total e fatoriais da ESC das esposas (M)

Escore		Total	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5
		IHS-Del-Prette H	IHS-Del-Prette H	IHS-Del-Prette H	IHS-Del-Prette H	IHS-Del-Prette H	IHS-Del-Prette H
ESC M	r	-,100	-,059	-,178*	-,094	-,097	-,086
Total	S	-,100	-,083	-,209*	-,098	-,094	-,110
	N	148	148	148	148	149	149
ESC M	r	-,099	-,041	-,254**	-,108	-,064	-,051
Sub 1	S	-,107	-,066	-,319**	-,110	-,058	-,051
	N	148	148	148	148	149	149
ESC M	r	-,164*	-,124	-,070	-,061	-,139	-,150
Sub 2	S	-,144	-,110	,099	-,036	-,128	-,154,
	N	148	148	148	148	149	149
ESC M	r	-,009	-,007	-,079	-,056	-,059	-,039
Sub 3	S	-,014	-,022	-,128	-,088	-,032	-,091
	N	148	148	148	148	149	149

**Correlação significativa ao nível de ,01
*Correlação significativa ao nível de ,05

As correlações entre escores totais dos respondentes homens no IHS-Del-Prette com escores de suas esposas na ESC não foram significativas. Com relação aos escores fatoriais foi encontrada correlação negativa significativa entre o Fator 2 do IHS-Del-Prette de respondentes do sexo masculino com o escore total e

a Subescala 1 da ESC para mulheres, indicando que maridos com maiores escores de auto-afirmação na expressão de sentimento positivo possuem esposas mais satisfeitas com o casamento (de forma global e especificamente com aspectos emocionais do marido). A Subescala 2 da ESC para respondentes do sexo feminino foi correlacionada negativamente com o escore total do IHS-Del-Prette dos homens, ou seja, maridos que apresentaram escores mais elevados de habilidades sociais de forma geral possuem mulheres mais satisfeitas com a interação conjugal.

Tabela 11

Correlações entre escores total e fatoriais do IHS-Del-Prette das esposas (M) e escores total e fatoriais da ESC dos maridos (H)

Escore		Total	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5
		IHS-Del-Prette M	IHS-Del-Prette M	IHS-Del-Prette M	IHS-Del-Prette M	IHS-Del-Prette M	IHS-Del-Prette M
Total	r	-,074	-,084	-,042	-,068	-,023	-,183*
ESC H	S	-,072	-,058	,007	-,073	-,016	-,163*
	N	146	146	148	147	147	147
ESC H	r	-,107	-,075	-,106	-,065	-,037	-,169*
Sub 1	S	-,104	-,055	-,050	-,051	-,027	-,130
	N	146	146	148	147	147	147
ESC H	r	-,050	-,117	-,029	-,029	-,054	-,162*
Sub 2	S	-,040	-,091	-,036	-,024	-,047	-,105
	N	146	146	148	147	147	147
ESC H	r	-,018	-,028	,044	-,069	,031	-,128
Sub 3	S	,009	-,019	,120	-,063	,052	-,126
	N	146	146	148	147	147	147

**Correlação significativa ao nível de ,01

*Correlação significativa ao nível de ,05

As correlações entre escore total do IHS-Del-Prette das esposas e escore total da ESC dos maridos também não foram significativas.

Nos escores fatoriais foi encontrada correlação significativa (negativa) apenas entre o Fator 5 do IHS-Del-Prette de respondentes do sexo feminino com o escore total e as Subescalas 1 e 2 da ESC dos homens. Assim, esposas mais

habilidosas no autocontrole da agressividade possuem maridos mais satisfeitos com o casamento em termos gerais e especificamente com relação a aspectos emocionais do cônjuge e com interação conjugal (e vice-versa).

3.2.3. Análises de correlação entre o IHSC e o IHS-Del-Prette

A Tabela 12 mostra as correlações (*Spearman's rho* e *Pearson*) entre o escore total e os seis escores fatoriais do IHSC com o escore total e os cinco escores fatoriais do IHS-Del-Prette para a amostra total (não especificando o sexo).

Tabela 12
Correlações entre escores total e fatoriais dos instrumentos IHSC e IHS-Del-Prette para a amostra geral (homens e mulheres)

Escore		Total	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6
		IHSC	IHSC	IHSC	IHSC	IHSC	IHSC	IHSC
Total	r	,480**	,222**	,270**	,224**	,087	,191**	,118*
IHS-Del-Prette	S	,501**	,216**	,298**	,197**	,100*	,198**	,127*
	N	396	396	396	396	396	396	396
Fator 1	r	,322**	,140**	,189**	,138**	-,001	,186**	,109*
IHS-Del-Prette	S	,343**	,129**	,219**	,092*	,026	,197**	,094
	N	396	396	396	396	396	396	396
Fator 2	r	,485**	,235**	,162**	,184**	,289**	,244**	,068
IHS-Del-Prette	S	,475**	,259**	,191**	,173**	,255**	,268**	,090
	N	398	398	398	398	398	398	398
Fator 3	r	,271**	,127*	,259**	,194**	-,106*	,089	,037
IHS-Del-Prette	S	,283**	,127*	,248**	,176**	-,110*	,114*	,036
	N	397	397	397	397	397	397	397
Fator 4	r	,170**	,110*	,151**	,095	-,049	,021	,005
IHS-Del-Prette	S	,179**	,104*	,153**	,058	-,039	,008	,025
	N	398	398	398	398	398	398	398
Fator 5	r	,161**	,075	,067	,027	,255**	-,207**	,139**
IHS-Del-Prette	S	,145**	,072	,048	,049	,229**	-,202**	,165**
	N	398	398	398	398	398	398	398

**Correlação significativa ao nível de ,01

*Correlação significativa ao nível de ,05

Os resultados apresentados na Tabela 12 indicam as várias possibilidades de relações existentes entre habilidades sociais gerais dos respondentes, avaliadas pelo IHS-Del-Prette, e habilidades sociais específicas às demandas do relacionamento conjugal. Numa primeira inspeção visual da Tabela 12, percebe-se que nem todas as correlações foram significativas, porém a grande maioria foi. Estas serão analisadas a seguir. A correlação positiva encontrada entre escores do IHSC e IHS-Del-Prette, foi alta e muito significativa. Desta forma, fica claro que respondentes que apresentam maiores escores de habilidades sociais no relacionamento conjugal são, também, de forma geral, mais habilidosos em outros contextos (e vice-versa).

O escore total do IHS-Del-Prette foi positivamente correlacionado com todos os fatores do IHSC, indicando que quanto maior foi o repertório de habilidades dos respondentes de forma geral, maior também foi o de comportamentos interpessoais específicas do relacionamento conjugal investigadas pelos seis fatores do IHSC. O Fator 1 do IHS-Del-Prette (Enfrentamento e auto-afirmação com risco) foi correlacionado significativa e positivamente com todos os fatores do IHSC (com exceção do Fator 4). O Fator 2 (Auto-afirmação na expressão de sentimento positivo) e o Fator 3 (Conversação e desenvoltura social) do IHS-Del-Prette da mesma forma foram correlacionados positiva e significativamente com todos os fatores do IHSC (com exceção do Fator 6). O Fator 4 do IHS-Del-Prette (auto-exposição a desconhecidos e situações novas) foi correlacionado positivamente apenas com o escore total e com os Fatores 1 e 2 (Comunicação e expressividade e asserção de auto-defesa) do IHSC. Finalmente, o Fator 5 do IHS-Del-Prette teve correlação positiva significativa com o escore total e com os Fatores 4, 5 e 6 do IHSC.

Na Tabela 13 encontram-se resultados das correlações entre escores totais do IHS-Del-Prette e do IHSC para respondentes do sexo masculino e para respondentes do sexo feminino.

Tabela 13
Correlação de Spearman e coeficiente de correlação (Pearson) entre os escores dos instrumentos IHS-Del-Prette e IHSC para homens e mulheres

Escores	r	p	S	p	N
IHSC H x IHS-Del-Prette H	,612**	,000	,615**	,000	145
IHSC M x IHS-Del-Prette M	,419**	,000	,433**	,000	145

**Correlação significativa ao nível de ,01
*Correlação significativa ao nível de ,05

Na Tabela 13 são apresentadas correlações positivas altamente significativas entre escore do IHS-Del-Prette e IHSC para respondentes do sexo feminino e masculino. Ou seja, tanto na amostra total como para homens e mulheres separadamente, habilidades sociais conjugais estão associadas a Habilidades sociais gerais.

3.2.4. ESC e características sócio-demográficas

A Tabela 14 mostra as correlações entre o escore da ESC e as variáveis idade, nível sócio econômico, tempo de casamento e número de filhos.

Tabela 14
Correlação (*Spearman's rho*) entre satisfação conjugal e variáveis sócio-demográficas da amostra

Variáveis sócio-demográficas	S	p
Idade	-,014	,784
Nível sócio-econômico	,108	,031
Tempo de casamento	,025	,611
Número de filhos	,051	,309

Segundo resultados apresentados na Tabela 14 nenhuma correlação foi significativa, ou seja, as variáveis idade, tempo de casamento, número de filhos e nível sócio-econômico não se relacionaram à satisfação conjugal.

As diferenças de médias quanto ao escore da ESC para homens e mulheres e para casais de primeira união ou não foram comparadas (estatísticas não paramétricas *Mann-Whitney U* e *Z*). A Tabela 15 descreve os resultados encontrados.

Tabela 15
Diferenças nos grupos de variáveis quanto ao escore da ESC

Variáveis sócio-demográficas	N		U	Z	p
	Masculino	Feminino			
Sexo	188	218	18753,00	-1,476	,140
Qual casamento	358	45	7126,50	-1,262	,207

Os resultados na Tabela 15 mostram que não há diferença significativa nas médias entre homens e mulheres e entre respondentes de primeira união ou não com relação à satisfação conjugal. Desta forma, entende-se que as diferenças de sexo e a experiência de relacionamento conjugal anterior não foram determinantes para a satisfação conjugal dos respondentes.

3.2.5. Estudos psicométricos do IHSC

Alfa de Cronbach

O Alfa de *Cronbach* para o IHSC (N=400) foi de 0,81, indicando boa consistência interna do instrumento.

Em estudo anterior (Villa, 2002), com outra amostra de sujeitos, utilizando-se o IHSC foi verificado um Alfa de *Cronbach* = 0,807. O alfa manteve-se indicando boa consistência do instrumento.

Análise Fatorial e Análise de Componentes Principais

Para caracterização das propriedades psicométricas do IHSC foi realizada Análise Fatorial e Análise de Componentes Principais (PC), posteriormente Análise de Itens e análise da consistência interna do instrumento por meio do Coeficiente Alfa (Alfa de *Cronbach*).

Para a elaboração das análises a seguir, os casos omissos (*missing*) foram substituídos pelo valor inteiro mais próximo da média da variável em que ele estava.

Inicialmente foi gerada a matriz de correlações dos itens do IHSC, utilizando-se o coeficiente de correlação não paramétrico de Spearman, dado a natureza das variáveis. Na análise desta matriz, observou-se que apenas 4,8% das correlações foram acima de 0,30. Segundo Laros (2002), esta seria uma característica desfavorável das variáveis para a realização de análise fatorial, porém não invalidante da mesma. No entanto, com relação à distribuição dos dados no IHSC, observou-se uma curva normal (ver item 3.1), característica que vem favorecer a análise fatorial (Pasquali, 2002).

Em seguida foi calculada a estatística de *Kaiser-Meyer-Olkin*, que é outro indicador da adequação da amostra para a realização de uma análise fatorial.

Observou-se $KMO = 0,833$, definidos por Kaiser e Caffry (1965) como *meritorious*, que, em uma tradução livre, pode ser interpretado como boa adequação, sendo a matriz fatorável (Pasquali, 2002).

Aplicou-se também o teste de Esfericidade de Bartlett, que verifica se a matriz de correlação é uma matriz identidade. O teste rejeitou a hipótese da matriz ser identidade ($B=2850,56$; $df=496$; $p=,000$), permitindo a realização da Análise Fatorial (Pasquali, 2002).

A amostra de 406 sujeitos disponível para elaboração de análise fatorial foi bastante adequada, levando em consideração o critério de 10 casos para cada variável observada, no caso 32 itens (Pasquali, 2002).

Passou-se então à elaboração de Análise Fatorial e Análise dos Componentes Principais (PC). Levando em conta que estes dois tipos de análises, apesar de suas diferenças epistemológicas, objetivam reduzir o número de itens de um teste a poucas variáveis hipotéticas (Pasquali, 2002), foram efetuadas várias tentativas de agrupamento dos itens em fatores, utilizando vários métodos disponíveis.

Inicialmente foi feita a Análise de Componentes Principais (PC) utilizando-se o pacote estatístico SPSS, sem delimitação prévia do número de fatores, seguida de uma rotação do tipo *Varimax* (não foi possível rotar pelo método *Oblimin* como seria mais adequado para este tipo de estudo segundo Pasquali, 2002). Os resultados são apresentados na Tabela 16.

Tabela 16

Matriz das cargas fatoriais da Análise dos Componentes Principais com nove fatores (F), com rotação *Varimax*, autovalores associados a cada fator, variância explicada pelo fator, porcentagem da variância total, número de itens com cargas significativas, coeficientes alfa e valor das comunalidades (h^2)

Item	h^2	F 1	F 2	F 3	F 4	F 5	F 6	F 7	F 8	F 9
26	,490	,661								
23	,577	,577								
28	,486	,531								
30	,444	,515								
21	,505	,508								
14	,552	,482								
2	,421	,372								
18	,600		,725							
13	,541		,654							
6	,545		,532							
29	,552		,514							
20	,566		,450							
31	,646			,691						
32	,620			,613						
24	,483			,589						
22	,536			,494						
25	,542				,656					
4	,638				,621					
16	,659				,582					
1	,462				,429					
9	,612					,717				
15	,589					,626				
27	,475					,535				
3	,428					,321				
5	,669						,761			
17	,593						,578			
8	,592							,678		
7	,604							,551		
10	,589								,739	
12	,551								,538	
19	,478								,424	
11	,640									,756
Autovalores		5,436	3,238	2,019	1,422	1,231	1,185	1,091	1,050	1,015
% da variância total		7,876	7,726	6,819	6,307	6,208	5,784	5,493	5,475	3,579
% da variância acumulada		7,876	15,603	22,421	28,728	34,936	40,720	46,214	51,688	55,268
Número de itens		7	5	4	4	4	2	2	3	1
Coeficientes alfa		,6597	,6467	,6659	,5767	,5468	,5009	,4422	,4477	-

Os autovalores dos nove fatores foram maiores que 1, sendo escolhidos segundo critério de Kaiser. Estes nove fatores explicam 55,27% da variância total.

As cargas fatoriais dos itens foram todas acima de 0,30 e, 78,12%, acima de 0,50, sendo bastante úteis para representar os fatores em que estão alocados.

As cargas fatoriais indicam o quanto determinado item representa aquele fator,

sendo que itens com cargas acima de 0,50 representam comportamentalmente bem o fator (Pasquali, 1999).

Na análise das comunalidades⁷ (covariância de itens com fatores) verificou-se que o item que menos contribuiu para o modelo foi o item 2 ($h^2=,421$): *Quando meu cônjuge insiste em dizer o que devo fazer, mesmo contrariando o que penso, acabo aceitando para evitar problemas* e o que mais contribuiu foi 5 ($h^2=,669$): *Em uma conversa, se meu cônjuge me interrompe, peço-lhe que espere até eu terminar o que estava dizendo*.

Apesar de características favoráveis, indicadas por esta análise, os nove fatores encontrados pareceram excedentes para um questionário de 32 itens, sendo este fato agravado pelo pequeno número de itens em certos fatores (6, 7 e 9). Assim, foram analisados alguns critérios para a verificação da adequação do número de fatores.

Levando-se em conta o critério dos autovalores maiores que 1 para a manutenção dos fatores, poder-se-ia manter os nove, porém, conforme Pasquali (2002) este critério permite manter mais fatores do que o necessário. Outro critério útil para verificação da adequação do número de fatores é o gráfico dos autovalores, *scree* que, aplicado aos dados, apresentou a distribuição exposta na Figura 4.

⁷ Comunalidades são medidas de quanto da variância de uma variável é explicada pelos fatores derivados da análise fatorial, ou seja, avalia a contribuição da variável ao modelo estimado, sendo que valores próximos a 0 indicam que a variável pouco contribui, pode ser excluída.

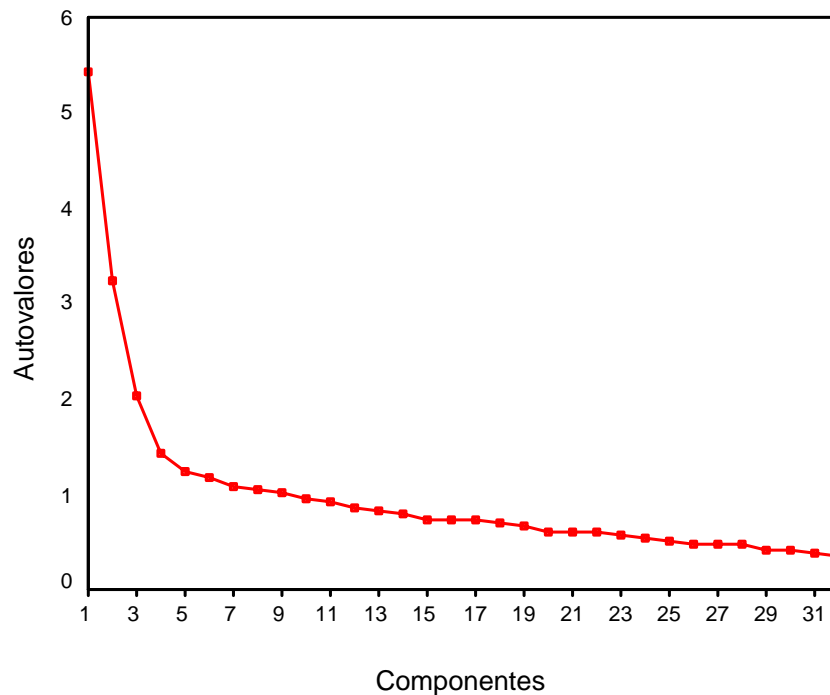


Figura 4. Distribuição *scree* para os autovalores da matriz fatorial dos escores do IHSC com nove fatores

A inspeção visual da Figura 4 mostra que, a partir do ponto cinco, não há mais inclinação acentuada, passando a uma quase horizontalidade a partir do ponto sete. Assim, supõe-se que cinco fatores estariam sendo os mais responsáveis pela variabilidade e que os demais não estariam trazendo contribuições tão importantes.

Além das observações citadas, é conveniente pensar a questão da relevância dos fatores, que consiste na sua interpretabilidade, importância e consistência (Pasquali, 2002). Tendo em vista a interpretabilidade, ou seja, as posições teóricas relativas ao constructo avaliado, entendeu-se que nove fatores seriam desnecessários, ou seja, que as classes de comportamentos envolvidas nas habilidades sociais conjugais a serem avaliadas poderiam ser mais agrupadas e melhor interpretadas por um número menor de fatores.

A importância do fator pode ser verificada, ainda, pela variância das variáveis que pode explicar. Neste sentido, uma explicação de 55,27% da variância total seria uma boa porcentagem.

Finalmente, com relação à consistência do fator, os coeficientes alfa (no caso, Alfa de *Cronbach*) variaram de 0,4477 a 0,6597, sendo considerados pouco consistentes. Os coeficientes dos itens refletem o grau de covariância dos itens entre si, servindo como indicador da consistência interna do teste (Pasquali, 2003). No caso do cálculo do alfa, verificou-se a consistência interna de cada fator, de modo que, quanto mais próximo de um, mais homogêneos são os itens daquele fator, ou seja, variam da mesma forma, avaliando um mesmo constructo.

Diante destas constatações, optou-se pela realização de novas análises. Com exploração das possibilidades de redução do número de fatores.

Nestas análises subseqüentes buscou-se uma combinação ideal de forma a agrupar itens que fossem teoricamente coerentes e estatisticamente válidos, ou seja, com cargas fatoriais adequadas em cada fator e com uma satisfatória variância total explicada.

Neste sentido, foram realizadas várias análises com estabelecimento de novos critérios e seguindo com diferentes métodos, iniciando-se pela Análise de Componentes Principais (PC), conforme mostra a Tabela 19. Foram realizadas também variações no método de rotação e delimitações ou não quanto ao número de fatores, sempre buscando uma análise que melhor agrupasse os itens.

A Tabela 17 apresenta os principais resultados das análises efetuadas com os diferentes métodos e critérios.

Tabela 17

Síntese das análises Fatorial e PC para o IHSC com descrição dos critérios adotados, rotações e principais resultados

Método	Critério	Rotação	Número de fatores	% acumulada da variância
PC	Autovalores até 1	<i>Oblimin</i>	9	55,268
PC	Autovalores até 1	<i>Varimax</i>	9	55,268
PC	4 fatores	<i>Varimax</i>	4	37,859
PC	5 fatores	<i>Oblimin</i>	5	41,705
PC	6 fatores	<i>Oblimin</i>	6	45,407
PC	6 fatores	<i>Varimax</i>	6	45,407
PC	7 fatores	<i>Varimax</i>	7	48,817
Alfa	Autovalores até 1	-	9	37,994
Alfa	5 fatores	-	5	31,070
<i>Maximum Likelihood</i>	Autovalores até 1	<i>Varimax</i>	9	39,421
<i>Image Factorig</i>	Autovalores até 1	-	9	25,516
<i>Generalized Least Squares</i>	Autovalores até 1	-	9	40,613
<i>Generalized Least Squares</i>	7 fatores	-	7	36,854
<i>Generalized Least Squares</i>	5 fatores	-	6	35,104

Conforme os resultados da Tabela 17, julgou-se mais adequado trabalhar com os fatores extraídos pela Análise de Componentes Principais com delimitação de 6 fatores. Dentre todas as análises efetuadas esta foi a que melhor agrupou classes de variáveis em fatores levando em conta a teoria subjacente ao constructo avaliado (interpretabilidade) e, ao mesmo tempo, apresentou cargas fatoriais adequadas, com uma porcentagem de variância total explicada pelos fatores pelo menos razoável.

Na Tabela 18 são apresentados os resultados da Análise de Componentes Principais com delimitação de 6 fatores e rotação *Varimax*, já que, novamente não foi possível rotar a matriz pelo método *Oblimin*.

Tabela 18

Matriz das cargas fatoriais da Análise dos Componentes Principais com seis fatores (F), com rotação *Varimax*, autovalores associados a cada fator, variância explicada pelo fator, porcentagem da variância total, número de itens com cargas significativas, coeficientes alfa e valor das comunalidades (h²)

Item	h ²	F 1	F 2	F 3	F 4	F 5	F 6
22	,438	,669					
1	,333	,619					
8	,376	,612			,366		
4	,339	,528					
24	,396	,521					
14	,444	,450	,302				
23	,533		,694				
26	,525		,584				
21	,588		,576				
28	,566	,420	,463				
30	,152		,450	,341			
2	,441		,425				
11	,497	-	-	-	-	-	-
10	,413			,699			
12	,546			,564			
19	,493			,520			
31	,567			,507	,304		
7	,477			,487	,468		
15	,408				,727		
9	,462		,329		,507		,353
32	,434	,368			,473		
3	,503				,443		
27	,566				,413		,369
6	,352					,624	
13	,425	,440				,510	
17	,485	-,421			,305	,479	
16	,429	,436				-,468	
18	,464	,343				,466	,337
5	,531		,355			,464	
29	,414						,616
25	,447						,596
20	,490	,468					,473
Autovalores		5,436	3,238	2,019	1,422	1,231	1,185
% da variância total		11,981	7,776	6,870	6,575	6,287	5,917
% da variância acumulada		11,981	19,757	26,628	33,203	39,490	45,407
Número de itens		6	6	5	5	6	3
Coeficientes alfa		,685	,6332	,6158	,6037	,53*	,5260

* Para o cálculo do alfa do fator 5, o sinal do item 16 foi invertido.

Conforme apresentado na Tabela 18, a Análise de Componentes Principais agrupou 31 itens em seis fatores (conforme delimitação prévia), deixando apenas um item (11) não incluído em nenhum fator (carga fatorial inferior a 0,30). Os itens se encontraram em mais de um fator, optando-se pelo fator no qual a carga fatorial era mais alta.

Na análise das comunalidades verificou-se que o item que menos contribuiu para o modelo foi o item 30 ($h^2=,152$): *Prefiro não dizer minha opinião a ferir os sentimentos do meu cônjuge, mesmo quando solicitada(o) a dizer o que penso* e o que mais contribuiu foi o 21 ($h^2=,588$): *Quando meu cônjuge consegue alguma coisa importante, pela qual se empenhou muito, eu o(a) elogio pelo sucesso*.

Com relação ao número de fatores e à consistência interna dos mesmos, cabem algumas análises.

Os coeficientes alfa dos fatores variaram de 0,526 a 0,685, sendo considerados ainda insuficientes ou precários para caracterizar consistência interna (Pasquali, 2002). O critério mínimo adotado para inclusão dos itens nos fatores era que seus coeficientes de saturação (carga fatorial) se situassem acima de 0,30, sendo que o menor deles alocado em algum fator foi de 0,413 e, 58,06% deles eram maiores que 0.50, valor que caracteriza itens que representam bem o fator.

Os autovalores atenderam ao critério para manutenção dos fatores, sendo todos maiores que um, variando entre 1,185 e 5,436. A inspeção visual da representação gráfica dos autovalores dos fatores nesta análise também pode contribuir para verificação da adequação do número de fatores extraídos. A Figura 5 permite esta análise.

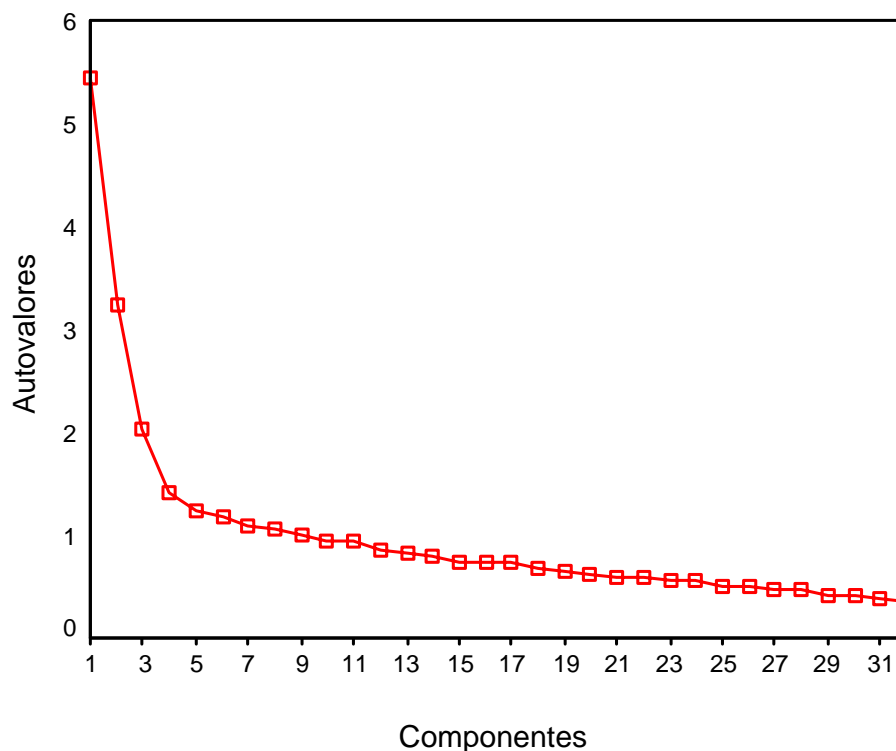


Figura 5. Distribuição *scree* para os autovalores da matriz fatorial dos escores do IHSC com seis fatores

A inspeção visual da Figura 5 mostra que, a partir do ponto cinco, não há mais inclinação acentuada. No entanto, entende-se que um sexto fator poderia ser considerado, dependendo de sua contribuição para a interpretabilidade.

A variância acumulada explicada pelos seis fatores foi de 45,407, valor considerado razoável, apontando a importância (um dos critérios de relevância do fator segundo Pasquali, 2002) dos fatores extraídos.

Com relação à interpretabilidade dos fatores, esta análise mostrou-se bastante adequada, sendo possível nomear e descrever cada um deles de acordo com a classe de comportamentos interpessoais que avaliava. Isto ocorreu de forma bastante consistente com a teoria referente ao constructo avaliado. A seguir são nomeados e descritos os seis fatores obtidos.

O Fator 1, Comunicação e expressividade, avalia itens de comunicação entre os cônjuges em situações cotidianas e livres de conflitos, bem como a expressão de sentimentos/opiniões positivas (elogios, agradecimentos, bem-estar).

O Fator 2, Asserção de auto-defesa, refere-se a itens de comportamentos assertivos em que um cônjuge busca defender-se e garantir a auto-estima (por exemplo, reagir à avaliação injusta, discordar, evitar sobrecarga de tarefas para si pedindo ajuda e tomar iniciativa). Este fator é bastante útil para avaliar a habilidade do respondente em defender o respeito à sua individualidade quanto a opiniões e direitos no contexto conjugal/familiar.

O Fator 3, Expressão de intimidade, refere-se a itens que avaliam o comportamento dos respondentes de revelar/expressar ao cônjuge, sem constrangimentos, sentimentos/opiniões que revelam intimidade a respeito de si próprio ou do outro. Entram neste fator itens relacionados a preferências sexuais e expressão de sentimentos positivos.

O Fator 4, Autocontrole empático, refere-se a comportamentos dos cônjuges em situações delicadas como discussões (conflito) ou crises pessoais. As demandas dessas situações requerem o exercício do autocontrole e a expressão de compreensão a sentimentos/opiniões do cônjuge (empatia).

O Fator 5, Asserção pró-ativa, inclui itens em que um dos cônjuges pede comportamentos específicos ao outro (cumprimento de acordos, mudança de comportamento, esclarecimento) ou reage assertivamente a comportamentos do outro (por exemplo, negar pedido, discordar) no sentido de garantir a reciprocidade de trocas no relacionamento do casal.

Fator 6, Evitação de conflitos, reúne itens que avaliam a habilidade do respondente em comunicar-se bem com o cônjuge, compreendê-lo (perceber

se estão abalados emocionalmente, entender brincadeiras), a ponto de conseguir resolver de forma adequada problemas em comum, evitando conflitos desnecessários.

A Tabela 19 fornece a descrição dos itens que compõe cada Fator.

Tabela 19

Descrição dos itens que compõe cada fator do IHSC

F1- Comunicação e expressividade	IHSC22 Quando meu cônjuge consegue alguma coisa importante pela qual se empenhou muito, elogio-o pelo sucesso. IHSC1 No dia-a-dia, converso naturalmente sobre qualquer assunto com meu cônjuge. IHSC8 Se cometi alguma falha com meu cônjuge, procuro pedir-lhe desculpas. IHSC4 Ao ser elogiado(a) sinceramente por meu cônjuge, respondo-lhe agradecendo. IHSC24 Se estou sentindo-me bem, expesso isto para meu cônjuge. IHSC14 Se não quero conversar sobre um assunto com meu cônjuge, tenho dificuldade em mudar de assunto, deixando que ele(a) o faça.
F2 - Asserção de auto-defesa	IHSC23 Se não estou disposto(a) a ter relação sexual, acabo concordando para evitar que ele(a) fique irritado(a) ou magoado(a) comigo. IHSC26 Se meu cônjuge avalia de forma injusta meu desempenho em alguma atividade, evito discutir sua avaliação. IHSC21 Mesmo quando estou sobrecarregado(a) com várias tarefas, prefiro não pedir ajuda a meu cônjuge. IHSC28 Se meu cônjuge está sofrendo por algum problema, tenho dificuldade em fazer algo para demonstrar-lhe meu apoio. IHSC30 Prefiro esconder minha opinião a ferir os sentimentos do meu cônjuge.
F 3 - Expressão de intimidade	IHSC2 Quando meu cônjuge insiste em dizer o que devo fazer, mesmo contrariando o que penso, acabo aceitando para evitar problemas. IHSC10 Sinto-me constrangido(a) em pedir a meu cônjuge que não faça certas carícias que me incomodam. IHSC12 Se meu cônjuge me faz um elogio, fico encabulado(a), sem saber o que dizer. IHSC19 Se meu cônjuge faz algo que não gosto, tenho dificuldade em dizer isto a ele(a). IHSC31 Durante a relação sexual, consigo dizer a meu cônjuge quais carícias mais me agradam. IHSC7 Sinto dificuldade em expressar sentimentos de carinho através de palavras ou gestos a meu cônjuge.
F 4 - Autocontrole empático	IHSC15 Se meu cônjuge fala de forma alterada comigo, espero que termine o que tem a dizer para depois dar minha opinião. IHSC9 Durante uma discussão, ao perceber que estou descontrolado(a) emocionalmente, consigo me acalmar antes de continuar. IHSC32 Quando meu cônjuge está chateado, consigo colocar-me no seu lugar e dizer que compreendo o que ele(a) está sentindo. IHSC3 Quando meu cônjuge está falando sobre algo importante para ele(a), ouço-o com toda atenção. IHSC27 Em uma situação de conflito de opiniões com meu cônjuge, consigo fazê-lo(a) compreender minha posição.
F 5 - Assertividade pró-ativa	IHSC6 Quando meu cônjuge deixa de cumprir algum de nossos acordos, dou um jeito de lembrá-lo(a). IHSC13 Se não concordo com meu cônjuge, digo isto a ele(a). IHSC17 Quando meu cônjuge pede que eu faça uma tarefa que é dele(a), consigo negar-me a fazê-la. IHSC16 Quando meu cônjuge me critica, reajo de forma agressiva. IHSC18 Sempre que preciso esclarecer algo com meu cônjuge, faço as perguntas que acho necessárias. IHSC5 Em uma conversa, se meu cônjuge me interrompe, peço-lhe que aguarde até eu terminar o que estava dizendo.
F 6 – Evitação de conflitos	IHSC29 Em meio a uma discussão, consigo perceber quando eu ou meu cônjuge estamos abalados e que é hora de encerrar a conversa. IHSC25 Consigo levar na esportiva as brincadeiras do meu cônjuge a meu respeito. IHSC20 Quando temos problemas em comum para resolver, conseguimos conversar e chegar num acordo sobre o que fazer.

Análise de itens: índices de discriminação

Para o cálculo do índice de discriminação, os valores dos escores dos 400 respondentes do IHSC foram ordenados, montando-se dois subgrupos extremos formados pelos 27% dos indivíduos com os menores escores e os 27% dos indivíduos com os maiores escores. Como não houve um valor exato obtiveram-se grupos conforme a Tabela 20.

Tabela 20

Distribuição de frequência dos 400 respondentes aos itens do IHSC de acordo com grupos de maior (A), médio (B) e menor (C) escore

Grupo	Frequência	Porcentagem	Acumulada
A	110	27,5	27,5
B	177	44,3	71,8
C	113	28,2	100,0
Total	400	100,0	-

O cálculo do índice de discriminação do item é baseado na diferença entre as porcentagens de ocorrência dos valores 3 e 4 para os grupos de maior escore e de menor escore (Barreto, Del Prette & Del Prette, 1998). Segundo os resultados apresentados na Tabela 20, o índice de discriminação dos itens do IHSC variou no intervalo [-28,2]; a [27,5]: quanto maior o índice, mais discriminante será o item. Os resultados do cálculo do índice de discriminação para cada item do IHSC estão na Tabela 21, juntamente com os coeficientes de correção (Pearson), que correspondem às correlações encontradas entre cada item do IHSC e o seu escore.

Tabela 21

Índice de discriminação e coeficiente de correlação de Pearson entre os itens e o escore total no IHSC

Item	Índice de discriminação	Coeficiente de correlação
1	45,6	0,43
2	17,5	0,18
3	50,1 (6)	0,53 (3)
4	36,7	0,37
5	19,3	0,26
6	42,2	0,40
7	56,5 (2)	0,53 (4)
8	50,4 (5)	0,43
9	21,9	0,26
10	25,8	0,27
11	25,8	0,32
12	22,0	0,40
13	49,3 (7)	0,49 (8)
14	47,6 (10)	0,40
15	18,4	0,25
16	31,0	0,23
17	13,3	0,18
18	47,3	0,53 (5)
19	48,5 (8)	0,46 (9)
20	43,8	0,43
21	34,2	0,38
22	41,1	0,39
23	43,2	0,36
24	31,9	0,45 (10)
25	24,2	0,21
26	44,3	0,35
27	46,9	0,45
28	48,3 (9)	0,49 (7)
29	41,2	0,40
30	50,5 (4)	0,50 (6)
31	54,7 (3)	0,53 (2)
32	61,9 (1)	0,60 (1)

Os números entre parênteses representam a ordem dos maiores valores para o índice de discriminação e o coeficiente de correlação item escore.

A Tabela 21 mostra índices de discriminação positivos para todos os itens, indicando que a proporção de respondentes com escore alto e que escolhem alternativas 3 e 4 é sempre maior que a proporção de respondentes com escores mais baixos e que escolhem valores 3 e 4. O item 32 apresentou o maior índice de discriminação (61,9) e o item 1 o menor (13,3), com todos os itens apresentando índices maiores que 10,0.

Com relação às correlações, que também são índices de discriminação, todas foram significativas ao nível de $p < 0,001$. Da mesma forma que no índice de discriminação, apresentado anteriormente, o item 32 apresentou o maior resultado (0,6). As menores correlações são encontradas nos itens 2 e 18 (0,18).

Como ambas as medidas refletem índices de discriminação, ou seja, medem a associação entre o valor do item e o valor do escore, os resultados obtidos são, em grande parte, concordantes.

4. DISCUSSÃO

As variáveis sócio-demográficas, avaliadas em termos de idade, nível sócio econômico, tempo de casamento e número de filhos, não se relacionaram à satisfação conjugal nem foram encontradas diferenças no escore de satisfação conjugal entre homens e mulheres e entre casais de primeira união ou não. Estes resultados estão de conformidade com vários estudos atuais nos quais se buscou verificar a relação entre satisfação conjugal e diversas variáveis, inclusive sócio-demográficas, dos quais pode citar-se: Langis e cols. (1994), que não encontraram relação entre satisfação conjugal e idade e escolaridade; um estudo sobre componentes comportamentais da satisfação conjugal (Johnson e O'Leary, 1996) no qual a idade, nível educacional e renda familiar não foram significativamente diferentes entre casais satisfeitos e insatisfeitos com o relacionamento; o estudo de Norgren (2002), cujo status econômico, idade e sexo não foram diretamente associados à satisfação conjugal; Miranda (1987), não encontrou diferenças na satisfação conjugal entre homens e mulheres, bem como entre casais com diferenças no tempo de casamento, idade, renda e filhos, tendo encontrado diferenças apenas com relação à escolaridade: casais com mesma escolaridade declaram-se mais satisfeitos do que casais com níveis de escolaridade diferentes. Já o estudo de Dela Coleta (1989), utilizando o mesmo instrumento (ESC) que este trabalho, constatou diferença na satisfação global de mulheres e homens, sendo que estes últimos apresentaram escores maiores. Também encontrou diferenças com relação à escolaridade, sendo que sujeitos com maior nível de escolaridade (nível superior) estavam mais satisfeitos com seus casamentos de forma geral. Com relação à idade, número de filhos e tempo de casamento Dela Coleta não encontrou diferenças na avaliação de

satisfação conjugal global. Os resultados do estudo de Perlin (2001) também apontam para uma pequena (porém significativa) diferença na satisfação conjugal de homens e mulheres, sendo maior para os últimos, porém, a autora atribui esta diferença à tendência masculina de dissimular seus problemas, em contraste a feminina, que trata mais diretamente suas dificuldades. Assim, entende-se que as influências das variáveis sócio-demográficas na satisfação conjugal praticamente não têm sido constatadas nos estudos realizados e, quando ocorre é de maneira bastante tímida, prevalecendo a idéia de que estas variáveis não são preditivas de satisfação conjugal.

As correlações entre satisfação conjugal e habilidades sociais conjugais, de forma global nas várias amostras (geral, para homens, para mulheres e correlações cruzadas), são bastante sugestivas no sentido de confirmar a hipótese deste estudo quanto à possível contribuição das habilidades sociais conjugais para a satisfação conjugal. Ainda que, em sua maioria, as correlações tenham sido fracas e moderadas, elas foram significativas e ocorreram para todas as amostras (geral, homens e mulheres separadamente). Este resultado confirma dados da literatura acerca da importância de serem considerados e trabalhados os aspectos interpessoais do relacionamento conjugal, como comunicação, resolução de problemas, expressão emocional, empatia, sendo, inclusive, objeto de treinamento na maioria das propostas de terapias conjugais (Del Prette & Del Prette, 1999; Gottman & Rush, 1995; 1997; Moraes & Rodrigues, 2001; Rangé & Datilio, 1995; Silliman, Stanley, Coffin, Markman & Jordan, 2002; Snyder, Cozzi & Luebbert, 2001; Thomas & Fletcher, 1997; Zimmerman, 2000).

Já as habilidades sociais gerais não foram relacionadas, com a mesma intensidade, à satisfação conjugal (correlações mais fracas e somente para amostra total e homens), indicando a existência de habilidades interpessoais

diferenciadas e especialmente relevantes para o contexto conjugal. Este resultado justifica a existência de um instrumento específico para avaliação neste contexto e confirma os dados da literatura acerca da especificidade situacional das habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 1999; 2001).

Muitas correlações apresentadas entre escores e fatores dos três instrumentos pontuaram abaixo de 0.30, ou seja, foram fracas ou moderadas, porém bastante esclarecedoras no sentido de indicar quais habilidades são mais importantes no casamento, de forma geral ou específica e para maridos e esposas.

A correlação entre o escore da ESC e a maioria dos itens do IHSC (exceção dos itens 2, 5, 11, 17 e 21) sugere que cada uma das habilidades “conjugais” acessadas pelo IHSC é realmente bastante importante para o contexto conjugal, já que se relacionam com a satisfação conjugal. Este dado colabora para a confirmação da hipótese deste estudo sobre a relação entre habilidades sociais e satisfação conjugal e, ao mesmo tempo, indica que o instrumento IHSC constitui-se de itens relevantes para avaliação das habilidades sociais específicas ao contexto conjugal.

No mesmo sentido, respondentes que apresentaram escores fatoriais mais altos em quaisquer dos seis fatores do IHSC apresentaram também maiores escores de satisfação conjugal, confirmando que cada um dos conjuntos de habilidades avaliados nos fatores do IHSC estão relacionadas à satisfação conjugal. Levando em consideração que a ESC mede satisfação conjugal, com base na avaliação do respondente sobre atitudes do seu cônjuge, e que o IHSC mede repertório comportamental do respondente, estes resultados indicam uma associação entre comportamentos interpessoais potenciais do respondente com relação especificamente à *comunicação e expressividade, asserção de auto-*

defesa, expressão de intimidade, autocontrole empático, assertividade pró-ativa e evitação de conflitos, que teriam uma influência positiva no relacionamento do casal e nos comportamentos do cônjuge de modo a elevar a experiência subjetiva de satisfação conjugal do respondente.

Analisando separadamente cada um dos fatores do IHSC tem-se que *Comunicação e expressividade* (F1), *Expressão de intimidade* (F3), *Autocontrole empático* (F4) e *Evitação de conflitos* (F6) se relacionam às três subescalas da ESC, sugerindo que comportamentos destas classes impactariam positiva e mais amplamente nas diferentes dimensões do relacionamento associadas à satisfação conjugal: aspectos emocionais do cônjuge, interação conjugal e forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo seu cônjuge. A *asserção de auto-defesa* (F2) foi associada à satisfação com duas dessas três dimensões: aspectos emocionais do cônjuge e interação conjugal.

Estes dados também apóiam a literatura da área de relacionamento conjugal que aponta a importância de habilidades como: comunicação e expressividade (Caballo, 1993; Del Prette & Del Prette, 1999; Gottman & Rush, 1995; Gottman & Silver, 2000; Moraes & Rodrigues, 2001; Rangé & Datilio, 1995; Snyder, Cozzi & Luebbert, 2001; Zimerman, 2000), e que inclusive propõem procedimentos de treinamento das mesmas, tanto para fins preventivos como terapêuticos. Apóiam também os estudos que destacam os comportamentos relacionados à empatia (Moraes e Rodrigues, 2001; Snyder, Cozzi & Luebbert, 2001; Thomas & Fletcher, 1997) como forma de compreender pensamentos/sentimentos do cônjuge; o autocontrole para lidar com situações potencialmente estressantes (Gottman & Rush, 1995); e, ainda, a resolução de problemas (Caballo, 1993; Gottman & Rush, 1995; Gottman & Silver, 2000; Rangé & Datilio, 1995), que pode ser associada à evitação de conflitos.

Quando da análise cruzada dos resultados de maridos e esposas no IHSC e na ESC, os resultados permitem uma interpretação complementar do caso anterior, pois a satisfação conjugal do respondente (de forma global e com determinados aspectos) foi influenciada pelos comportamentos interpessoais do cônjuge (no contexto conjugal). Os resultados mostraram que homens com repertório de habilidades sociais conjugais mais elaborados possuem esposas mais satisfeitas de forma global e nas três dimensões avaliadas (aspectos emocionais de seu cônjuge, interação conjugal e forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo seu cônjuge). Esse padrão de manteve para o escore do F1 (*Comunicação e expressividade*). Em síntese, as habilidades de *comunicação e expressividade* do marido interferem positivamente na satisfação da esposa, sendo esta, dentre as habilidades avaliadas nos homens, a mais importante para as mulheres.

Este resultado novamente remete à importância da comunicação no casamento e vai além, deixando claro que, a habilidade de comunicação e expressividade do marido relaciona-se diretamente à satisfação da esposa. Talvez esta “demanda” maior por comportamentos expressivos do homem se dê por ele, historicamente, apresentar maior dificuldade em relacionamentos íntimos, expressão de sentimentos e comunicação propriamente dita, comparando-se às mulheres (Carter e McGoldrick, 1995; Gottman, 1998; Gray, 1997). Ainda neste sentido, o estudo de Miranda (1987) aponta diferenças em níveis de comunicação entre homens e mulheres, sendo maior para estas.

Em segundo lugar, estaria a habilidade na *asserção de auto-defesa* (F2) masculina (esta habilidade apresenta correlação um pouco mais baixa com satisfação conjugal se comparada à *comunicação e expressividade*) interferindo positivamente na satisfação das esposas com relação aos aspectos emocionais

de seu cônjuge e à forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo seu cônjuge. Assim, homens que, potencialmente, se defendem de forma mais assertiva em situação de conflito no contexto conjugal, possuem esposas mais satisfeitas. Este resultado pode ser interpretado à luz do estudo de Langis, Sabourin, Lussier e Mathieu (1994), no qual a satisfação conjugal da esposa se relacionava (entre outras coisas) ao nível de masculinidade do marido, estando este ligado à liderança assertiva.

Ainda que bastante fraca, verifica-se, também, correlação entre a habilidade de *autocontrole empático* dos maridos e a satisfação da esposa com relação aos aspectos emocionais de seu cônjuge, sendo esta mais uma das habilidades “masculinas” que interferiram positivamente na satisfação conjugal das esposas.

Os resultados das análises cruzadas apontam também aspectos das habilidades sociais conjugais das esposas que foram relacionados à satisfação conjugal dos maridos. De forma geral, houve associação entre satisfação conjugal dos maridos e habilidades sociais das esposas, porém de forma menos intensa (correlação mais fraca) do que no caso oposto. As habilidades sociais conjugais globais das esposas também foram associadas à satisfação dos maridos com relação aos aspectos emocionais de seu cônjuge, de forma que as mulheres que apresentaram maiores escores em habilidades sociais foram esposas de maridos mais satisfeitos com relação aos aspectos emocionais delas. Quanto a algumas particularidades, os resultados apontam para uma ampla influência da habilidade das mulheres em *evitar conflitos* (F6) sobre todos os aspectos da satisfação conjugal dos homens, ou seja, os aspectos emocionais do cônjuge, a interação conjugal e a forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo seu cônjuge. Assim, de forma geral, mulheres com

maiores escores para *evitar conflitos* apresentaram-se casadas com maridos mais satisfeitos, sendo esta a principal habilidade feminina (avaliada) relacionada às diversas dimensões da satisfação conjugal masculina. Como apontando anteriormente, o estudo de Carter e McGoldrick (1995) mostra que os homens teriam mais dificuldades de interação nos relacionamentos íntimos. Pode-se supor que, à medida que as mulheres sejam mais habilidosas em evitar conflitos, o relacionamento demande menos habilidades masculinas, tornando-se mais confortável para os maridos.

Outra importante habilidade das esposas seria o *autocontrole empático* (F4), associado à satisfação masculina com relação aos aspectos emocionais de seu cônjuge e à interação conjugal, de forma que comportamentos relacionados ao autocontrole empático das esposas mostraram-se importantes ingredientes da satisfação conjugal dos maridos.

A habilidade *comunicação e expressividade* (F1) da esposa, no contexto conjugal, também foram apontadas como tendo influência positiva na satisfação conjugal do marido com aspectos emocionais de seu cônjuge, de forma que mulheres que apresentaram maiores escores na comunicação e expressividade foram associadas a maridos mais satisfeitos com relação a esses aspectos.

Um segundo panorama a ser analisado trata das particularidades envolvidas nas relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais não específicas ao contexto conjugal.

Nesta perspectiva serão analisadas, inicialmente, as associações entre o repertório social do respondente (e suas particularidades) em relação à própria satisfação conjugal. Uma interpretação possível destes resultados seria no sentido de admitir uma influência dos comportamentos interpessoais do respondente no

seu relacionamento conjugal de forma a poder diferenciar a avaliação da própria satisfação conjugal (apesar de ser esta medida com base nos comportamentos do cônjuge). O fato da associação genérica (escores globais) entre satisfação conjugal e habilidades sociais gerais ter sido bem mais fraca do que com relação a habilidades sociais conjugais confirma uma das hipóteses do estudo, segundo a qual, na avaliação das influências do repertório social na satisfação conjugal, deve ser levado em conta o caráter situacional das habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 1999).

A correlação positiva encontrada entre os escores globais de habilidades sociais e os escores de cada uma das subescalas da ESC é um indicativo de que respondentes socialmente mais habilidosos em diversos contextos cotidianos parecem experimentar (e possivelmente contribuir com) maior satisfação com relação aos aspectos emocionais do cônjuge, à interação conjugal e à forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge, sendo as habilidades sociais um ingrediente da satisfação conjugal. Estes resultados são amparados por trabalhos que destacam a importância das habilidades sociais para o relacionamento conjugal de forma mais ampla, ou seja, independente de comportamentos específicos ao contexto conjugal (Del Prette & Del Prette, 1999; Gottman & Rushe, 1995, Moraes & Rodrigues, 2001), possivelmente por que tais habilidades contemplam parte dos componentes também requeridos em contexto conjugal.

O conjunto das habilidades de *enfrentamento e auto-afirmação com risco* (F1) foi associada à satisfação com relação à interação conjugal, indicando que respondentes com melhor repertório para lidar com demandas de assertividade e se auto-afirmar em situações de risco são também mais satisfeitos com o casamento. Não foram encontrados estudos na literatura descrevendo

especificamente esta classe de comportamentos, porém, trata-se de desempenhos que certamente contribuem para um relacionamento mais honesto e aberto no sentido de comunicar opinião/sentimento ao cônjuge, ainda que com a possibilidade de conflito. Neste sentido, ela poderia ser entendida também como habilidade de comunicação, cuja relevância para o casamento foi mencionada na maioria dos estudos citados anteriormente.

A associação entre habilidades de *auto-afirmação na expressão de sentimento positivo* (F2) e as três subescalas da satisfação conjugal é indicativo de que esta habilidade é um importante ingrediente para o relacionamento conjugal e, conseqüentemente, para a satisfação conjugal. Neste sentido, Rangé e Dattilio (1995) apontam o treinamento da habilidade de expressão de sentimentos como integrante dos principais enfoques de terapia de casais, devido à sua importância para o relacionamento conjugal.

Outro ingrediente importante para o casamento, apontado por este estudo, foi o das habilidades de *autocontrole da agressividade* (F5), associado à satisfação conjugal global e relacionado a aspectos emocionais do cônjuge. O *autocontrole da agressividade* (em contexto não determinado) seria a capacidade para expressar raiva e desagrado de forma socialmente competente, sendo oposto à impulsividade (Del Prette & Del Prette, 2001), e possivelmente equiparável, no contexto conjugal às habilidades de *evitação de conflitos* (com as quais, inclusive, correlacionou-se positivamente). Em outras palavras, pode-se dizer que o cônjuge que, de forma geral, consegue controlar sua agressividade/impulsividade, provavelmente também terá mais sucesso em evitar conflitos no contexto conjugal.

A análise de correlação cruzada entre habilidades sociais gerais da esposa e satisfação conjugal do marido apontou que a habilidade de

autocontrole da agressividade (F5) da esposa foi a única associada à satisfação conjugal do marido de forma geral, a aspectos emocionais do cônjuge e à interação conjugal. Assim, a classe de habilidades de autocontrole foi apontada neste estudo como a única da esposa (não relacionada ao contexto conjugal), que foi crucial para promover satisfação do marido com o casamento. Tendo em vista a comparação feita anteriormente, o autocontrole da esposa (enquanto habilidade social geral não específica para o contexto conjugal) pode ser considerado tão importante para o cônjuge como o é a evitação de conflitos (habilidade específica ao contexto conjugal), conforme já apontado anteriormente.

No caso oposto, os escores gerais de habilidades sociais dos maridos foram associados à satisfação das esposas com relação à interação conjugal. Ou seja, homens mais habilidosos em diversos contextos possuíam esposas mais satisfeitas. Este dado parece bastante coerente, na medida em que um indivíduo que se relaciona de maneira satisfatória em vários contextos, muito provavelmente terá capacidade para interações satisfatórias também com a esposa, promovendo um relacionamento conjugal satisfatório para ele (como já analisado anteriormente) e para esposa. Talvez esta relação seja menos clara para as mulheres porque elas, historicamente, teriam mais desenvolvida a capacidade com relacionamentos íntimos, independente de relacionamentos em outros contextos. Ou seja, para os homens, relacionar-se bem em contextos diversos implicaria em também conseguir isto dentro de casa, enquanto que para as mulheres uma situação seria independente da outra. Novamente o estudo de Carter e McGoldrick (1995) suporta esta interpretação quando aponta uma facilidade das mulheres em relacionamentos íntimos e dificuldade maior nos externos e o oposto para os homens. O próprio IHS-Del-Prette fornece

um escore médio padronizado maior para homens do que para mulheres, sugerindo esse mesmo raciocínio.

Apenas a habilidade geral masculina para *auto-afirmação na expressão de sentimento positivo* (F2) foi associada à satisfação conjugal feminina de modo geral e com relação a aspectos emocionais do cônjuge. Assim, homens que, de forma geral, são potencialmente mais expressivos com relação aos seus sentimentos positivos, possuem esposas mais satisfeitas, sendo esta uma importante característica masculina. Mais uma vez nota-se uma habilidade relacionada à expressão e comunicação, enfim, à abertura masculina fazendo diferença na satisfação das esposas.

As correlações existentes entre escores e fatores do IHSC e IHS-Del-Prette, indicam que, na maioria dos casos, existe relação entre habilidades sociais gerais e conjugais. Este fato pode ser observado quando da comparação entre habilidades gerais (IHS-Del-Prette) e conjugais (IHSC) associadas à satisfação conjugal, ou seja, praticamente as mesmas habilidades (porém com diferentes nomenclaturas e em diferentes contextos) foram associadas à satisfação conjugal. Porém as correlações foram todas fracas ou moderadas, apontando clara diferenciação entre habilidades sociais conjugais e gerais, sendo válida a realização de medidas independentes destas variáveis. Assim, cabe considerar que o IHS-Del-Prette e IHSC são instrumentos que medem um construto central comum (habilidades sociais), porém com claras diferenciações em termos de classes de comportamentos envolvidos e, principalmente, de contextos situacionais. Estas diversidades se refletem em termos de diferenças (seja de intensidade ou de ocorrência ou não) nas correlações entre satisfação conjugal e habilidades sociais gerais ou conjugais. É importante também esclarecer que IHSC e ESC avaliam diferentes constructos, já que, não obstante, em alguns

momentos, haver uma sobreposição de conteúdos, possivelmente em virtude de estar-se tratando de um mesmo contexto situacional específico (conjugal), as habilidades sociais devem ser vistas como um meio para a satisfação conjugal enquanto que esta certamente constitui uma meta que, teoricamente, poderia ser alcançada por diferentes meios, mesmo que se defenda a qualidade das relações como o mais fundamental.

A distribuição normal da amostra estudada, para os escores do IHSC, constitui um dado importante sobre a capacidade do instrumento em diferenciar os respondentes ao longo de um contínuo maior, portanto, este é indicativo de uma das qualidades psicométricas do IHSC.

O valor do Alfa de *Cronbach*, indicando boa consistência do IHSC, aliado às análises feitas anteriormente e aos índices de discriminação, sugerem características psicométricas favoráveis à fidedignidade do instrumento. Por outro lado, no entanto, os alfas dos fatores foram bastante precários enquanto indicadores de fidedignidade do instrumento.

Os seis fatores extraídos pela Análise de Componentes Principais foram bastante úteis para agrupar os itens do inventário de forma teoricamente coerente, sendo possível realizar uma série de análises de correlação com outros instrumentos, obtendo-se resultados bastante relevantes.

5. CONCLUSÃO

Como conclusões deste estudo, cabe destacar alguns aspectos que prevaleceram diante de tantas análises efetuadas, dos diversos resultados obtidos e de suas limitações.

Desde o início, o trabalho vem-se pautando em duas grandes frentes. De um lado, a investigação das relações entre habilidades e satisfação conjugal e, de outro, a construção de um instrumento de avaliação das habilidades sociais conjugais. Desta forma, a conclusão também será apresentada iniciando-se pelas questões referentes ao instrumento.

Levando-se em consideração que o IHSC vem sendo desenvolvido já há alguns anos, tendo sido testado inicialmente em uma amostra de 148 sujeitos (Villa, 2002) e agora em uma amostra de 406 respondentes, alguns avanços foram alcançados. A aplicação do inventário, numa amostra maior, pode ser considerada um avanço, já que as análises realizadas (como, por exemplo, Análise Fatorial) tornam-se muito mais confiáveis do que as aplicações em amostras incipientes e melhoraram os indicadores anteriores.

As características psicométricas do inventário ainda não são ideais, visto que os alfas dos fatores não foram satisfatórios para indicar a consistência dos mesmos, porém, o alfa geral (do inventário) foi satisfatório, indicando boa consistência interna e, conseqüentemente, alguma fidedignidade do instrumento. A extração dos seis fatores foi positiva, no sentido de que os itens incluídos em cada fator estavam representando-os bem, estatisticamente falando (cargas a partir de 0,41) e, teoricamente, houve uma boa distribuição das habilidades em cada fator, possibilitando uma interpretabilidade coerente. Os índices de discriminação também se apresentaram coerentes. A variância

acumulada, explicada pelos seis fatores, foi razoável, apontando também para a relevância dos mesmos.

Assim, entende-se, com relação à construção do inventário, que houve progressos importantes, ainda que se reconheça que o IHSC deva passar por novos estudos, não estando totalmente pronto com relação às suas características psicométricas desejáveis.

As análises das correlações entre instrumentos (IHSC, ESC e IHS-Del-Prette) foram bastante proveitosas para confirmar diversos estudos que abordam a importância de algumas habilidades interpessoais (principalmente comunicação, resolução de problemas e expressão de sentimentos) para o relacionamento conjugal. Desta forma, em princípio, a relação genérica entre habilidades sociais e satisfação conjugal foi confirmada por vários resultados de correlação.

Além disso, a associação entre satisfação conjugal e algumas habilidades em particular pôde ser verificada. Com relação a habilidades não específicas do casamento, a *auto-afirmação da expressão de sentimento positivo* foi a mais importante para a satisfação conjugal, seguida de *enfrentamento/afirmação com risco* e de *auto-controle da agressividade*. Já as habilidades sociais conjugais obtiveram correlações mais intensas e todas foram relacionadas à satisfação conjugal, sendo que as mais abrangentes, em termos de aspectos da satisfação envolvidos, foram as de *comunicação e expressividade, expressão de intimidade, autocontrole empático e evitação de conflitos*; as correlacionadas a menos aspectos da satisfação foram as *assertivas (de auto-defesa e pró-ativa)*.

Dados ainda mais interessantes foram obtidos nas correlações cruzadas entre respostas de maridos e esposas, permitindo apontar habilidades de homens e mulheres como especialmente importantes para a satisfação conjugal de seus cônjuges.

Dentre as habilidades não específicas ao relacionamento conjugal, foi associada à satisfação conjugal do marido somente habilidade de *autocontrole da agressividade* da esposa. A habilidade de *auto-afirmação da expressão de sentimento positivo* dos maridos foi a única relacionada à satisfação das esposas.

Com relação às habilidades sociais conjugais, destacou-se, como habilidade relacionada a mais aspectos da satisfação do cônjuge, a *evitação de conflitos* por parte da esposa. Em seguida, correlacionadas a menos aspectos da satisfação do marido, ficaram as habilidades de autocontrole empático e comunicação e expressividade. A habilidade masculina relacionada a mais aspectos da satisfação da esposa seria foi a de comunicação e expressividade, seguida da asserção de auto-defesa e autocontrole empático.

O conhecimento destas associações entre habilidades sociais específicas e aspectos da satisfação conjugal geral, e de maridos e esposas particularmente, podem ser muito úteis no tratamento e na prevenção de dificuldades conjugais. A partir delas, os programas de Treinamento de Habilidades Sociais (associados ou não a processo terapêuticos) podem ser melhor direcionados para tratar das habilidades mais relevantes para promover a satisfação conjugal de cada um dos cônjuges.

Foi importante também verificar que certas classes de comportamento interpessoal (as de habilidades sociais conjugais) realmente estão mais relacionados ao contexto conjugal, sendo mais associadas à satisfação conjugal.

Finalmente, três limitações deste estudo podem ser apontadas. Uma delas refere-se à natureza dos dados coletados nas avaliações que, como previsto, foram de auto-relato. Além da possibilidade de influências de expectativas socialmente determinadas com relação ao relacionamento conjugal em respostas aos instrumentos, trata-se de auto-avaliação (IHS-Del-Prette e IHSC) e

de avaliação de aspectos relacionados ao cônjuge (ESC), sendo possíveis algumas distorções. Estas limitações foram assumidas quando da decisão de trabalhar com instrumento de auto-relato e são aceitáveis considerando-se sua importância na avaliação inicial e em avaliações de rastreamento de problemas nessa área, ainda que tenham que ser complementadas por outros instrumentos ou procedimentos sob um enfoque multimodal (Del Prette & Del Prette, 2003).

Outra limitação seria inerente ao tipo de análise que se procedeu. As análises de correlação permitem somente verificar existência de relação entre variáveis mas não identificar a direção da causalidade. Assim, seria interessante a realização de estudos longitudinais que pudessem investigar se, e em que condições (de tempo, de treino conjunto ou separado, de foco etc.) promoção do repertório de habilidades sociais dos cônjuges provocaria também um aumento na satisfação conjugal.

Por fim, deve ficar claro que, neste estudo, pretendeu-se avaliar e verificar relação entre um conjunto de variáveis (habilidades sociais) e a satisfação conjugal. Desta forma, muitas outras variáveis, potencialmente relacionadas à satisfação conjugal, naturalmente, não foram abordadas. Isto está de acordo com Snyder, Cozzi e Mangrum (2002), quando propõem um modelo conceitual para a avaliação de casais e famílias englobando vários domínios (cognitivo, afetivo, comunicação interpessoal, estrutural e controle) e níveis (indivíduos, díades, família nuclear, família estendida e sistemas sociais, e comunidade e sistemas culturais), mas esclarecem que seria improvável e insensato que qualquer estudo pudesse tratar, simultaneamente, de todos os domínios e níveis propostos.

6. REFERÊNCIAS

- Alberti, R. E. & Emmons, M. I. (1978). *Comportamento assertivo: Uma guia de auto-expressão*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Alchieri, J. C. & Cruz, R. M. (2004). *Avaliação psicológica: Conceito, métodos e instrumentos* (2º edição). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Argyle, M. (1967-1994). *Psicologia del comportamiento interpersonal*. Madri: Alianza Editorial.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bratfisch, M. (1997). *Maximização das relações conjugais através de um treinamento de habilidades sociais para casais*. Monografia de conclusão de curso, Curso de Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.
- Caballo, V. E. (1993). *Manual de evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales*. Madrid: SigloVeintiuno de España Editores.
- Caballo, V. E. (1996). O treinamento em habilidades sociais. In V. E. Caballo (Org.), *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento* (pp. 361-398). São Paulo: Santos.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Christensen, A., Baucom, D. H., Atkins, D. C., Berns, S., Wheeler, J. & Simpson, L. E. (2004). Traditional versus integrative behavioral couple therapy for significantly and chronically distressed married couples. *Journal of consulting and clinical psychology, 72*(2), 176-191.
- Da Silva, J. A. (2003). *Inteligência humana: Abordagens biológicas e cognitivas*. Lovise: São Paulo.

- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2003). Treinamento assertivo: Ontem e hoje. In C. E. Costa, J. C. Luzia & H. N. N. Sant'Anna (Orgs.), *Primeiros passos em Análise do comportamento e cognição* (pp.149-160). Santo André: ESETec.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(2), 233-255.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Barreto, M. C. M. (1998). Análise de um inventário de habilidade sociais (IHS-Del-Prette) em uma amostra de universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(3), 219-228.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2001). Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette): *Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P. e Del Prette, A. (2004). Avaliação do repertório social de crianças com necessidades educacionais especiais. In E. G. Mendes, M. A. Almeida, & L. C. A. Williams (Orgs.), *Temas em educação especial: Avanços recentes* (pp.149-158). São Carlos: EDUFSCar.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes (no prelo).
- Del Prette, Z. A. P., Monjas, I. y Caballo, V. E. (s.d). Evaluación de las habilidades sociales en niños. In: V. E. Caballo (Org.), *Manual para la evaluación cognitivo-conductual de los trastornos psicológicos*. Madrid: Pirâmide (no prelo).
- Dela Coleta, M. F. (1992). Locus de controle e satisfação conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8(2), 243-252.
- Dela Coleta, M. F. (1989). A medida da satisfação conjugal: Adaptação de uma escala. *PSICO*, 18(2), 90-111.

- Farias, M. A. (1994). *Satisfação e insatisfação no casamento: Um estudo quantitativo*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo (SP).
- Feldman, S. S. & Wentzel, K. R. (1990). Relations among family interaction patterns, classroom self-restraint and academic achievement in preadolescent boys. *Journal of Educational Psychology*, 82(4), 813-819.
- Flora, J. & Segrin, C. (1999). Social skills are associated with satisfaction in close relationships. *Psychological Reports*, 84(3), 803-804.
- Gottman, J. (1998). *Casamentos: Porque alguns dão certo e outros não* (2° ed.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Gottman, J. & Rushe, R. (1995). Communication and social skills approaches to treating ailing marriages: A recommendation for a new marital therapy called "Minimal Marital Therapy". In W. O'Donohue e L. Krasner (Eds.), *Handbook of psychological skills training: Clinical techniques and applications* (pp. 287-304). Boston: Allyn and Bacon.
- Gottman, J. e Silver, N. (2000). *Sete princípios para o casamento das certo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Gray, J. (1997). *Homens são de marte, mulheres são de Vênus*. Rio de Janeiro, Rocco.
- Hanna, E. S. & Ribeiro, M. R. (2005). Autocontrole: Um caso especial de comportamento de escolha. In J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Org.), *Análise do comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp.175-187). Porto Alegre: Artmed.
- Hidalgo, C. H. & Abarca, N. M. (1992). *Comunicacion interpersonal: Programa de entrenamiento en habilidades sociales*. Santiago do Chile: Editorial Universitária.
- Jablonski, B. (1991-1998). *Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo* (2° ed.). Rio de Janeiro: Agir.

- Johnson, P. L. & O'Leary, K. D. (1996). Behavioral components of marital satisfaction: An individualized assessment approach. *Journal of consulting and clinical psychology*, 64(2), 417-423.
- Kaiser, H. F., & Caffry, J. (1965). Alpha Factor analysis. *Psychometrika*, 30, 1-14.
- Lange, A. J. & Jakubowski, P. (1976). *Responsible assertive behavior*. Illinois: Research Press Co.
- Langis, J., Sabourin, S., Lussier, Y. & Mathieu, M. (1994). Masculinity, femininity, and marital satisfaction: An examination of theoretical models. *Journal of personality* 62(3), 393-414.
- Laros, J. A. (2002). O Uso da Análise Fatorial: Algumas diretrizes para pesquisadores. In L. Pasquali (Org.), *Análise Fatorial para pesquisadores*. (pp.149-170). Brasília: LabPam.
- Lazarus, A. A. (1968). Learning theory and the treatment of depression. *Behavior Research and Therapy* 6, 83-89.
- Levin, J. & Fox, J. A. (2004). *Estatística para ciências humanas* (9º ed). São Paulo: Prentice Hall.
- Linehan, M. M. (1984). Interpersonal effectiveness in assertive situations. In E. E. Blechman (Ed.). *Behavior modification with women*. New York: Guilford Press.
- McDonel, E. (1995). An information-processing theory of the measurement of social competence. In W. O'Donohue & L. Krasner (Eds.), *Theories of behavior therapy: Exploring behavior change* (pp 415-443). Washington, DC: American Psychological Association.
- Mcgraw, S. L. (2001). Masculinity ideologies, men's relationship behavior, and relationship satisfaction in heterosexual couple relationships [On-line]. *Dissertation Abstract International: Section B: The Sciences and Engineering*, 62(3-B). Abstract from: DIALOG File: PsycINFO Item: 95018-288.
- Miranda, E. S. (1987). Satisfação conjugal e aspectos relacionados: A influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 39(3), 96-107.

- Monteiro, A. M. (2001). Avanços no estudo da conjugalidade. *Psicologia, ciência e profissão*, 21(3), 10-19.
- Moraes, C. G. A. & Rodrigues, A. S. (2001). Terapia de casais. In B. Rangé (Org.), *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: Um diálogo com a psiquiatria*. Porto Alegre: Artmed.
- Norgren, M. B. P. (2002). *"Para o que der e vier": Estudo sobre casamentos de longa duração*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica, Psicologia Clínica. São Paulo, SP.
- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos Psicológicos: Manual prático de elaboração*. Brasília: LabPam/IBAPP.
- Pasquali, L (Org.) (2002). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília: LabPam.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na educação*. Petrópolis: Vozes.
- Perlin, G. Dal B. (2001). *Casais que trabalham e são felizes: Mito ou realidade*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. Brasília, DF.
- Phillips, E. L. (1985). Social Skills: History and prospect. In L. L'Abate & M. A. Milan (Eds.), *Handbook of social skills training and research* (pp 3-19). New York: John Wiley & Sons.
- Rangé, B. & Dattilio, F. M. (1995). Casais. In B. Rangé (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva* (pp. 171-192). Campinas: Editorial Psy.
- Sanders, M. R., Halford, W. K. & Behrens, B. C. (1999). Parental divorce and premarital couple communication [CD-ROM]. *Journal of Family Psychology*, 13(1), 90-96. Abstract from: SilverPlatter File: PsycLIT Item: 10107-005.
- Schaper, P. E. (2000). Interpersonal style, complementarity, and marital satisfaction [On-line]. *Dissertation Abstract International: Section B: The Sciences and Engineering*, 60(11-B). Abstract from: DIALOG File: PsycINFO Item: 95010-115.

- Silliman, B., Stanley, S. M., Coffin, W., Markman, H. J. & Jordan, P. L. (2002). Preventive interventions for couples. In H. A. Liddle, D. A. Santisteban, R. F. Levant & J. H. Bray (Eds.), *Family psychology: Science-based interventions* (pp 123-145). Washington, DC: American Psychological Association.
- Skinner, B. F. (1989). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Aikman, G. G. (1999). Marital satisfaction inventory - revised [On-line]. Em M. E. Maruish (Ed.), *The use of psychological testing for treatment planning and outcomes assessment* (pp.1173-1210). Abstract from: DIALOG File: PsycINFO Item: 02767-037.
- Snyder, D. K., Cozzi, J. J. & Mangrum, L. F. (2002). Conceptual issues in assessing couples and families. In H. A. Liddle, D. A. Santisteban, R. F. Levant & J. H. Bray (Eds.), *Family psychology: Science-based interventions* (pp 123-145). Washington, DC: American Psychological Association.
- Snyder, D. K., Cozzi, J. G. & Luebbert, M. C. (2001). The tapestry of couple therapy: interweaving theory, assessment, and intervention. In S. H. McDaniel, D-D. Luterma e C. L. Philpot (Eds.), *Integrating family therapy: An ecosystemic approach*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Starkey, J. L. (1991). The effects of a wife's earnings on marital dissolution: The role on a husband's interpersonal competence [CD-ROM]. *Journal of socio economics*, 20(2), 125-154. Abstract from: SilverPlatter File: PsycLIT Item: 19658-001.
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (2001). *Using multivariate statistics* (4ª ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Thomas, G. & Fletcher, G. J. O. (1997). Empathic accuracy in close relationships. In W. Ickles (Ed.). *Empathic accuracy*. New York: Guilford Press.
- Trower, P. (1995). Adult social skills: state of the art and future directions. In W. O'Donel e L. Krasner. *Handbook of psychological skills training: Clinical techniques and applications*. Allyn and Bacon.

Villa, M. B. (2002). *Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes filiações religiosas*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP.

Watson, D., Hubbard, B. & Wiese, D. (2000). General traits of personality and affectivity as predictors of satisfaction in intimate relationships: Evidence from self-intimate and partner-ratings. *Journal of personality*, 68(3), 413-447.

Wolpe, J. S. (1976). *A prática da terapia comportamental*. São Paulo: Brasiliense.

Wolpe, J. S. & Lazarus, A. A. (1966). *Behavior therapy techniques*. Nova York: Pergamon Press.

Zimerman, D. E. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias* (2º ed.). Porto Alegre: Artmed.